

# III SIS Vogais

Livro de Resumos

Elisa Battisti | Luiz Carlos da Silva Schwindt | Gisela Collischonn (Orgs.)

Instituto de Letras | UFRGS

2011





ELISA BATTISTI  
LUIZ CARLOS DA SILVA SCHWINDT  
GISELA COLLISCHONN  
(Organizadores)

**III SIS VOGAIS: LIVRO DE RESUMOS**

Porto Alegre  
UFRGS – Instituto de Letras  
2011

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (CIP)**

S6221	<p>SIS Vogais (3. : 2011 nov. : Porto Alegre, RS). Livro de resumos [recurso eletrônico] / Elisa Battisti, Luiz Carlos da Silva Schwindt, Gisela Collischonn (organizadores). – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2011.</p> <p>Requisitos do sistema: Adobe Reader. Modo de acesso: World Wide Web: &lt;<a href="https://sites.google.com/site/sisvogais3//">https://sites.google.com/site/sisvogais3//</a>&gt; Título da página da Web (acesso em 22 nov. 2011). ISBN 978-85-64522-02-2</p> <p>1. Linguística. 2. Fonética. 3. Fonologia. I. Título. II. Battisti, Elisa. III. Schwindt, Luiz Carlos da Silva. IV. Collischonn, Gisela</p> <p>CDD 410</p>
-------	--

## **Sumário**

Boas-vindas, **6**

Agradecimentos, **7**

Programação, **8**

Resumos, **16**

## **Bem-vindos ao III SIS Vogais!**

A Comissão Organizadora do III Simpósio sobre Vogais – SIS Vogais – sente-se honrada em receber, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, todos os participantes do evento.

O Simpósio de 2011 tem como tema processos assimilatórios envolvendo vogais, em especial processos de harmonia vocálica. Discussões de natureza teórica e descritiva relativas a sistemas vocálicos também têm lugar. Os 71 trabalhos submetidos, dos quais 62 serão apresentados na forma de comunicação oral ou de pôster, recobrem falares de português brasileiro de praticamente todas as regiões do país, o português de comunidades localizadas fora do Brasil, e outras línguas que não o português.

Serão três as conferências nesta edição. Leda Bisol (PUCRS, BR) falará sobre *Efeitos similares da assimilação e da neutralização na pauta pretônica*. Leo Wetzels (VU, NL) discorrerá sobre *O sistema vocálico do PB, um conflito entre marcação e contraste quase decidido*. Andrew Nevins (UCL, UK) abordará *Dissimilação vocálica: Dissimulação vocálica?*

Dois minicursos serão oferecidos. *Redução vocálica e enfraquecimento consonantal: Dois lados da mesma moeda* será ministrado pelo professor Andrew Nevins. O professor Leo Wetzels ministrará o minicurso *Tópicos sobre o sistema vocálico do PB*.

Neste livro, os participantes encontrarão informações sobre a programação do evento e os resumos dos trabalhos apresentados como comunicação oral ou pôster. Contem conosco se necessitarem de ajuda ou de quaisquer outras informações adicionais. Desejamos a todos um Simpósio produtivo e uma estada confortável na UFRGS e em Porto Alegre.

### **Comissão organizadora do III SIS Vogais**

Luiz C.Schwindt - coordenador

Gisela Collischonn - vice-coordenadora

Ubiratã Alves - tesoureiro

Elisa Battisti - secretária

Valéria Monaretto - secretária

Gabriel Othero - responsável editorial e pela divulgação

Emanuel Quadros - coordenação de monitores

Guilherme Garcia - coordenação de monitores

## **Agradecimentos**

Somos muito gratos à CAPES, pelo auxílio concedido, ao Instituto de Letras da UFRGS e seu Programa de Pós-Graduação em Letras, pelo apoio à realização do evento.

Agradecemos, muito especialmente, aos colegas pareceristas, pelo auxílio na seleção dos trabalhos:

Leda Bisol

Cláudia Brescancini

Gisela Collischonn

Valéria Monaretto

Elisa Battisti

Agradecemos o empenho de nossos alunos, bolsistas e orientandos de graduação e pós-graduação, na execução de tarefas que, tão crucialmente, colaboraram para o sucesso do III SIS Vogais:

Camila Ulrich

Thiely Schwingel

Leonardo Vargas

Renan Rosa

Luisa Martins

Bruna Peixoto

Nosso agradecimento ao CNPq, pelo auxílio à pesquisa realizada por muitos dos participantes do evento.

## Programação

### MINICURSOS

(Sala 205 do Prédio de Aulas do Instituto de Letras da UFRGS)

07 e 08/11/2011

8:30-12:00	<b>Minicurso do Prof. Andrew Nevins (UCL, UK)</b> <i>Redução vocálica e enfraquecimento consonantal: Dois lados da mesma moeda</i>
14:00-17:30	<b>Minicurso do Prof. Leo Wetzels (VU, NL)</b> <i>Tópicos sobre o sistema vocálico do PB</i>

### SIMPÓSIO

(Auditório do ILEA, prédio 43322 da UFRGS, Campus do Vale)

09, 10 e 11/11/2011

<b>1º DIA</b>	<b>09/11/11</b>
8:30	ABERTURA
9:00	CONFERÊNCIA + 15 MIN DEBATE <b>Andrew Nevins (UCL, UK)</b> <i>Dissimilação vocálica: Dissimulação vocálica?</i>
10:00	INTERVALO
10:20	<b>Dermeval da Hora Oliveira (UFPB)</b> <i>Vogais: Processo de acomodação dialetal</i>
10:40	<b>Pablo Arantes (UFMG)</b> <i>Prosódia e redução do espaço vocálico em português brasileiro</i>
11:00	<b>Anna Carolina da Costa Avelheda (UFRJ)</b> <i>O alçamento das vogais médias pretônicas no estado do Rio de Janeiro</i>
11:20	<b>Vanessa Cristina Pavezi (UNESP) e Luciani Tenani (UNESP)</b> <i>O alçamento vocálico de pretônicas em nomes na fala do noroeste paulista: Enfoque sociolinguístico</i>
11:40	<b>Valéria Neto de Oliveira Monaretto (UFRGS)</b> <i>Valor fonético das vogais postônicas /e/ e /o/ do português brasileiro</i>
12:00	DEBATE DA MANHÃ



12:30	ALMOÇO
14:00	<b>Cláudia Brescancini (PUCRS)</b> <i>As vogais tônicas no açoriano-catarinense: Normalização e variação</i>
14:20	<b>Sílvia Figueiredo Brandão (UFRJ), Fabiane Mello Vianna da Rocha (UFRJ), Elisa Ramalho dos Santos (UFRJ)</b> <i>Pretônicas médias em início de vocábulo na fala do Rio de Janeiro</i>
14:40	<b>Alfredo Christofolletti Silveira (USP)</b> <i>As vogais tônicas, pré-tônicas e átonas finais do português vernacular são-tomense: Uma análise quantitativa</i>
15:00	<b>Regina Cruz (UFPA)</b> <i>Apagamento de vogais médias pretônicas no português da Amazônia Paraense: A quarta variante</i>
15:20	DEBATE
15:40	INTERVALO
16:00	<b>Danielle Kely Gomes (UFRJ)</b> <i>Síncope das vogais postônicas não-finais: Um estudo contrastivo entre as variedades brasileira e europeia</i>
16:20	<b>Eliete Figueira Batista da Silveira (UFRJ) e Silvia Carolina Gomes de Souza (UFRJ)</b> <i>Alteamento das médias pretônicas no município do Rio de Janeiro: Dados das décadas de 70 e 90</i>
16:40	DEBATE
17:00	REUNIÃO DO PROBRAVO Seung-Hwa Lee (UFMG) e Dermeval da Hora Oliveira (UFPB)
18:00	ENCERRAMENTO

<b>2º DIA</b>	<b>10/11/11</b>
8:30	<p>CONFERÊNCIA + 15 MIN DEBATE</p> <p><b>Leo Wetzels (VU, NL)</b></p> <p><i>Contraste e neutralização nas vogais médias do Português Brasileiro: Regras e tendências</i></p>
9:30	<p>SESSÃO DE PÔSTERES</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Melissa Ferreira Osterlund (UFRGS), Felipe Silveira (UFRGS), Tess Simas (UFRGS) e Valéria N de O. Monaretto (UFRGS)</b> <i>O alçamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ sem motivação aparente em uma análise em tempo real</i></li> <li>2. <b>Raquel Gomes Chaves (UFSC) e Susiele Machry da Silva (PUCRS)</b> <i>Comportamento das vogais médias em posição pós-tônica não final na fala de Rincão Vermelho - RS</i></li> <li>3. <b>Márcia Eliane da Silva (UFRGS) e Gisela Collischonn (UFRGS)</b> <i>O alçamento das vogais médias pretônicas na fala de São José do Norte/RS</i></li> <li>4. <b>Victor Hugo Medina Soares (UFMG) e Marco Aurélio Cunha Camargos (UFMG)</b> <i>Epêntese na apropriação da marca de 3ª pessoa do singular de verbos do inglês por falantes brasileiros: Efeitos de frequência de padrões segmentais de L1 na aquisição de L2</i></li> <li>5. <b>Larissa Limeira (UFRGS)</b> <i>Alçamento das Vogais Médias na Fala de Curitiba sob a Sociolinguística Quantitativa</i></li> <li>6. <b>Irma Iunes Miranda (UFES)</b> <i>Análise acústico-comparativa das vogais brasileiras (dialetos capixaba) com as vogais norte-americanas (dialetos do meio-oeste)</i></li> <li>7. <b>Carolina Reis Monteiro (UFPel) e Ana Ruth Miranda (UFPel)</b> <i>Sistema vocálico do português brasileiro: Ortografia e fonologia na escrita infantil</i></li> </ol>

	<p><b>8. Carina Silva Fragozo (PUCRS)</b> <i>Redução vocálica por falantes de inglês como LE: Características acústicas e perceptuais</i></p> <p><b>9. Graziela Pigatto Bohn Casagrande (USP)</b> <i>Harmonização vocálica do português brasileiro: espriamento de traços através de segmentos complexos</i></p> <p><b>10. Maria do Carmo Sá Teles de Araújo Rolo (UFBA)</b> <i>Apócope das vogais átonas [i] e [u] na comunidade rural de Beco, Seabra-BA</i></p>
10:10	INTERVALO
10:30	<p><b>Maria Bernadete Abaurre (UNICAMP) e Filomena Sandalo (UNICAMP)</b> <i>Harmonia vocálica, contrastes e dispersões no sistema vocálico do português do Brasil</i></p>
10:50	<p><b>Táise Simioni (UNIPAMPA)</b> <i>A atribuição do acento dos vocóides altos em português brasileiro</i></p>
11:10	<p><b>Francisco de Oliveira Meneses (UNICAMP)</b> <i>Investigação acústico-articulatória das vogais desvozeadas no PB</i></p>
11:30	<p><b>Maria José Blaskovski Vieira (UFPel)</b> <i>A elevação de vogais médias em clíticos pronominais e não pronominais</i></p>
12:00	DEBATE DA MANHÃ
12:30	ALMOÇO
14:00	<p><b>Carmen Matzenauer (UCPel)</b> <i>Harmonia vocálica: Um epifenômeno na aquisição fonológica</i></p>
14:20	<p><b>Giovana Ferreira-Gonçalves (UFPel) e Mirian Rose Brum-de-Paula (UFPel)</b> <i>Harmonia vocálica e aquisição da linguagem</i></p>
14:40	<p><b>Roberta Quintanilha Azevedo (UCPel), Carmen Matzenauer (UCPel) e Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS)</b> <i>A produção da vogal epentética no português brasileiro por colombianos: Uma análise via Teoria da Otimidade Estocástica e Gramática Harmônica</i></p>
15:00	<p><b>Ana Ruth Miranda (UFPel)</b> <i>Indícios da harmonia vocálica em dados de aquisição da escrita</i></p>

15:20	DEBATE
15:40	INTERVALO
16:00	<b>Odete Menon (UFPR)</b> <i>Nasal, lateral ou glide?</i>
16:20	<b>Gean Damulakis (UFRJ)</b> <i>Consequências da queda de vogais não-recuadas pós-tônicas mediais no PB</i>
16:40	<b>Juliana Simões Fonte (UNESP) e Gladis Massini-Cagliari (UNESP)</b> <i>Alçamento de vogal pretônica: Alguns casos de variação e mudança na história do português</i>
17:00	DEBATE
17:30	ENCERRAMENTO
19:30	HAPPY HOUR POR ADESÃO <i>PEDRINI (Lima e Silva), <a href="http://www.pedriniboteco.com.br">www.pedriniboteco.com.br</a></i>

<b>3º DIA</b>	<b>11/11/2011</b>
8:30	<p>CONFERÊNCIA + 15 MIN DEBATE</p> <p><b>Leda Bisol (PUCRS)</b></p> <p><i>Efeitos similares da assimilação e da neutralização na pauta pretônica</i></p>
9:30	<p>SESSÃO DE PÔSTERES</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Virginia Andrea Garrido Meirelles (UCB)</b> <i>Um estudo acústico das vogais tônicas em duas variedades de português do Brasil</i></li> <li>2. <b>Alexander Severo Córdoba (UCPel) e Claudia Camila Lara (UFRGS)</b> <i>A relação entre a oralidade e a escrita dos ditongos orais mediais [ej] e [ow] por sujeitos cursando os anos iniciais do Ensino Fundamental</i></li> <li>3. <b>Dyuana Darck Santos Brito (UESB), Vera Pacheco (UESB) e Marian dos Santos Oliveira (UESB)</b> <i>Análise acústico-experimental do processo de coarticulação das oclusivas surdas/ vogais médias abertas em sílaba pretônica</i></li> <li>4. <b>Idalena Oliveira Chaves (UNIBH)</b> <i>Um panorama sobre os estudos das vogais pretônicas no português do Brasil desenvolvidas de 1980-2010</i></li> <li>5. <b>Priscila de Jesus Ribeiro (UESB), Luiz Carlos da Silva Souza (UESB) e Vera Pacheco (UESB)</b> <i>Duração e intensidade nas vogais médias abertas de sílaba pretônica no falar de conquistenses</i></li> <li>6. <b>Neila Maria Oliveira Santana (UNEB) e Marcelo Alcântara Moreira (UNEB)</b> <i>A monotongação dos ditongos [ey] e [ow]: Análise comparativa nas comunidades rurais de Seabra-BA</i></li> <li>7. <b>Izabel Maria da Silva Lopes (FACOS)</b> <i>Comportamento das vogais nos sotaques brasileiros</i></li> </ol>

	<p><b>8. Carmen Maria Faggion (UCS)</b> <i>Harmonia vocálica com diminutivos: Serra Gaúcha e Belo Horizonte</i></p> <p><b>9. Reiner Vinicius Perozzo (UFRGS) e Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS)</b> <i>Epêntese vocálica e produção de codas complexas monomorfêmicas e bimorfêmicas com o sufixo ‘-ed’ do inglês por brasileiros: Padrões acústicos encontrados</i></p> <p><b>10. Bruna Koch Schmitt (UFRGS), George de Souza (UFRGS) e Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS)</b> <i>Análise acústica da realização de codas mediais /p/, /k/ e /f/ em dois diferentes dialetos do Português Brasileiro: Um estudo sobre Afrouxamento da Condição de Coda</i></p> <p><b>11. Raquel Gomes Chaves (UFSC)</b> <i>A redução de proparoxítonos na fala do Sul do Brasil</i></p>
10:10	INTERVALO
10:30	<p><b>Seung-Hwa Lee (UFMG) e Marco Antônio de Oliveira (PUCMG)</b> <i>As vogais do PB e a Gramática da Percepção</i></p>
10:50	<p><b>Luiz Carlos da Silva Schwindt (UFRGS), Emanuel Souza de Quadros (UFRGS)</b> <i>Efeitos paradigmáticos envolvendo vogais na morfologia verbal portuguesa</i></p>
11:10	<p><b>Priscila Marques Toneli (UNICAMP)</b> <i>A regra de redução de vogais em compostos no Português Brasileiro</i></p>
11:30	<p><b>Cintia da Costa Alcântara (UFPEL)</b> <i>Vocábulos derivados em -oso e teoria linguística</i></p>
11:50	<p><b>José Sueli de Magalhães (UFU)</b> <i>Harmonia vocálica: As pretônicas no triângulo mineiro</i></p>
12:10	DEBATE DA MANHÃ
12:30	ALMOÇO
14:00	<p><b>Marian dos Santos Oliveira (UESB) e Vera Pacheco (UESB)</b> <i>Sobre a relação entre qualidade vocálica, tonicidade e síndrome de Down: O caso das vogais altas</i></p>
14:20	<p><b>Tatiana Keller (UFMS) e Evelyne Costa (UFMS)</b> <i>Um estudo pancrônico da harmonia vocálica em português</i></p>

14:40	<b>Luiz Carlos da Silva Souza (UESB), Priscila de Jesus Ribeiro (UESB) e Vera Pacheco (UESB)</b> <i>Vogais nasais e nasalizadas do português brasileiro: Preliminares de uma análise da configuração formântica</i>
15:00	<b>Ailma do Nascimento Silva (UESPI)</b> <i>As três harmonias na pretônica de Teresina-PI</i>
15:20	DEBATE
15:40	INTERVALO
16:00	<b>Juliana Ludwig Gayer (UFRGS)</b> <i>A elisão na frase fonológica</i>
16:20	<b>Gisela Collischonn (UFRGS)</b> <i>A elisão em hiato no português brasileiro e o tratamento de sequências vocálicas resultantes</i>
16:40	<b>Elisa Battisti (UFRGS), Natália Brambatti Guzzo (UFRGS)</b> <i>O apagamento de vogais seguidas de sibilante no português falado em Flores da Cunha (RS)</i>
17:00	<b>Gabriela Tornquist (UCPel), Jones Schuller (UCPel) e Carmen Matzenauer (UCPel)</b> <i>'Ponto' e 'altura' no processo de aquisição das vogais do PB</i>
17:20	DEBATE
17:40	ENCERRAMENTO

## **Resumos**

**(Em ordem alfabética, pela inicial do sobrenome do primeiro autor)**

### **Harmonia vocálica, contrastes e dispersões no sistema vocálico do português do Brasil**

Maria Bernadete ABAURRE (UNICAMP)

Filomena SANDALO (UNICAMP)

Neste trabalho, fazemos um histórico de trabalhos anteriores de Abaurre & Sandalo sobre harmonia vocálica, a fim de discutir o grau de abstração envolvido nas análises propostas. Naqueles trabalhos, observamos, em alguns dialetos, que as vogais /e/ e /o/, quando pretônicas, podem sofrer abaixamento por harmonia diante de uma vogal baixa na sílaba tônica, exceto diante de /a/, que não desencadeia o processo. Com base nos fatos observados através de experimentos com logatomas, abordamos a harmonia de vogais baixas em vogais pretônicas a partir de diferentes modelos de geometria de traços. Especificamente, em Abaurre & Sandalo (2009), trabalho apresentado no II SIS Vogais, verificamos se é possível conciliar um modelo geométrico para harmonia com os pressupostos minimalistas de um modelo como o proposto por Nevins (2010).

Um primeiro problema dessas análises é ignorar o fato de que as pretônicas /e/ e /o/ podem também sofrer harmonia condicionada por vogais tônicas altas. Um segundo problema diz respeito ao alto grau de abstração assumido nas análises propostas nas geometrias de traços. Em Kenstowicz & Sandalo (2011), a harmonia vocálica no português brasileiro foi abordada a partir de um estudo experimental. Nesse estudo, considerou-se o fenômeno de harmonia desencadeada por vogais baixas e altas em um corpus de 170 palavras paroxítonas trissilábicas contendo todas as combinações de vogais do português em sílabas pretônicas e tônicas. Os dados foram analisados acusticamente e os resultados foram interpretados através da Teoria da Dispersão (Flemming 2004) que, aplicada a inventários de vogais, propõe que a neutralização de oposições resulta da interação de restrições de esforço articulatório e distância fonética entre espaços de contrastes.

No trabalho a ser apresentado no III SIS Vogais, avaliamos os ganhos e perdas de trabalhar com uma teoria fortemente mentalista como a geometria de traços ou com uma teoria fonológica baseada na fonética, fundamentada na hipótese segundo a qual os sistemas fonológicos são determinados por princípios fonéticos. No modelo a ser discutido, a Teoria da Dispersão, padrões envolvendo facilidade de articulação e percepção são expressos linguisticamente através de restrições gramaticais e o valor de marcação de um som não é dado individualmente, mas depende dos sons com os quais esse som contrasta. Assim, as restrições que favorecem contrastes perceptualmente distintos são restrições sobre as diferenças entre segmentos e classes em contraste no interior de um sistema, e não restrições definidas a partir de formas isoladas. Por fim, partindo dessa reflexão que pressupõe uma forte relação entre fonética e fonologia, procuraremos estabelecer um diálogo com trabalhos recentes sobre a fonética do sistema vocálico do Português do Brasil, e.g., Moraes, Callou & Leite (no prelo) e Boersma (2009).



## Vocábulos derivados em *-oso* e teoria linguística

Cíntia da Costa ALCÂNTARA (UFPel)

O alvo deste trabalho consiste na análise dos vocábulo derivados em *-oso* que apresentam a vogal interna *-u-* (e.g., *lutuoso*, *delituoso*, *impetuoso*, *tortuoso*). Segundo Kehdi (2001), a gramática do português registra casos em que a vogal temática /o/ emerge como *-u-* em vocábulo derivados não-verbais (cf. *afetuoso* > *afeto*; *monstruoso* > *monstro*). Contudo, isso somente é passível de acontecer quando ao morfema de classe formal /o/ segue um sufixo iniciado por vogal. O autor assevera que a elevação da vogal temática /o/ para /u/ não é automática, além de haver um considerável número de palavras derivadas terminadas nesse sufixo que não apresentam vogal temática interna (e.g., *respeito* > *respeitoso*). É importante salientar que Luft (1974) já fizera considerações acerca desse comportamento no sistema do português. Deve-se mencionar ainda que, na literatura, há duas visões concernentes ao tratamento linguístico dispensado à vogal temática nominal do vocábulo não-derivado: (i) a dos que defendem a inexistência da regra de apagamento, ou truncamento, desses elementos terminais e (ii) a dos que postulam a existência da referida regra de truncamento nas derivações de modo geral. Isso posto, pretende-se, sob os pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída (Halle e Marantz, 1993, 1994), analisar os vocábulo não-verbais do português terminados no mencionado sufixo *-oso* e portadores da vogal interna *-u-*. Note-se que, sob a DM, um vocábulo só é morfologicamente bem-formado, quando se lhe adjunge um sufixo temático (morfema de classe formal) à borda direita da palavra, ou seja, como elemento último. Essa condição de boa-formação morfológica está presente em muitas línguas românicas, dentre as quais, além do português, o espanhol (cf. Harris, 1999), o catalão (cf. Oltra-Massuet, 1999) e o italiano (cf. Peperkamp, 1997). Isso posto, pretende-se discutir os mecanismos formais que estariam atuantes na gramática do português, a fim de assegurar a presença da debatida vogal temática /o/, sob a forma de /u/, *-u-*, em um número bastante expressivo de vocábulo derivados nesse sistema. A partir dos resultados alcançados, acredita-se que o aparato formal da DM é capaz de dar conta de aspectos linguísticos como aqueles em que o presente estudo se deteve.

## Prosódia e redução do espaço vocálico em português brasileiro

Pablo ARANTES (UFMG)

As descrições do português brasileiro costumam estabelecer uma diferença de grau, na palavra, entre a força prosódica das sílabas tônicas, pré-tônicas e pós-tônicas. O objetivo do presente trabalho é descrever de que maneira o espaço vocálico reflete as diferenças entre a tonicidade das sílabas, especialmente as pré-tônicas e as tônicas. O *corpus* do estudo é composto por nove palavras paroxítonas com duas sílabas pré-tônicas e seis palavras com três pré-tônicas contendo sempre a mesma vogal do conjunto [a e i u o] nas pré-tônicas e, para algumas palavras, também na tônica e pós-tônica. As palavras foram inseridas numa frase-veículo lida dez vezes por um informante paulista. O desenho do corpus permitiu a obtenção de uma amostra de valores de F1 e F2 das vogais [a e i u o] em cada sílaba pré-tônica e na tônica, de forma que o espaço vocálico pudesse ser caracterizado em todas as sílabas não-átonas das palavras. A inspeção visual

dos polígonos formados pelas médias das cinco vogais no plano F2-F1 mostrou que a área do espaço vocálico é máxima na posição tônica e reduz-se de forma gradiente nas pré-tônicas. Para quantificar a redução do espaço vocálico, duas medidas foram adotadas: a) para medir o grau de redução do espaço como um todo, a área do polígono vocálico foi calculada para todas as combinações possíveis entre quintuplas a-e-i-u-o formadas pela amostra do experimento, e b) para medir o grau de redução de cada vogal separadamente, a distância euclidiana entre cada vogal e o centroide do polígono a-e-i-u-o médio foi calculada. As duas medidas foram calculadas em todas as posições silábicas não-átonas. Os resultados mostram que o espaço formado pelo polígono vocálico na pré-tônica mais distante da tônica tem apenas 38% da área do polígono da tônica, indicando uma redução bastante significativa do espaço vocálico. O exame do grau de redução individual das vogais mostra que a vogal [a] é que sofre menos redução (16% nas palavras com duas pré-tônicas e 41% nas palavras com três pré-tônicas) e a vogal [u] é que sofre mais redução (60% nas palavras com duas pré-tônicas e 75% nas palavras com três pré-tônicas). Em conjunto os resultados indicam que o espaço vocálico é sensível à tonicidade da sílaba e reflete essa influência na forma de movimentos de contração e expansão.

### **O alçamento das vogais médias pretônicas no estado do Rio de Janeiro**

Anna Carolina da Costa AVELHEDA (UFRJ)

O presente trabalho é parte do estudo que se está desenvolvendo no âmbito do Mestrado em Língua Portuguesa. Pretende-se empreender uma análise do processo de alteamento das vogais médias pretônicas no Estado do Rio de Janeiro, tomando como objeto de estudo as localidades de Nova Iguaçu, Copacabana, São Fidélis e Rio de Janeiro. Com isso, intenta-se observar a distribuição do fenômeno por essas regiões, a fim de verificar se a região de origem do falante é um fator extralinguístico que condiciona a ocorrência da variação. Nesta análise preliminar, trabalhar-se-á apenas com os dados coletados em Nova Iguaçu, aos quais serão contrapostos os dados das demais localidades.

O sistema vocálico do português brasileiro compõe-se de sete vogais, que se manifestam na pauta tônica. Na pauta pretônica, essas vogais se reduzem a cinco, havendo neutralização entre as médias de primeiro grau e as médias de segundo grau, perdendo-se a função distintiva que detinham em sílaba tônica (CÂMARA JR., 2006). Além dessa neutralização verificada em sílabas pretônicas, verifica-se ainda a ocorrência do fenômeno de debordamento, através do qual se dá a invasão do espaço fonológico de uma vogal por outra. Por esse fenômeno, verifica-se a possibilidade de alteamento das vogais pretônicas, havendo realização alternante entre [e] ~ [i] e [o] ~ [u]. Uma audição preliminar dos inquéritos revela alguns casos de alteamento, os quais podem ser verificados em palavras como *acredito*, *bonita*, *pequeno*, *almoçar*, *ensinar*, *conversar*, *Mesquita*, *acostumar*.

Pretende-se investigar (i) a possibilidade de alteamento por harmonização vocálica ou de redução por assimilação dos traços do contexto adjacente; e (ii) a existência de um condicionamento lexical, sendo os itens mais frequentes afetados pela regra variável mais rapidamente. Além disso, pretende-se observar se a vogal pretônica anterior favorece o alteamento, enquanto a vogal pretônica posterior o inibe.

Constituído o *corpus*, com base na teoria da Sociolinguística Variacionista de orientação laboviana (WEINREICH; LABOV & HERZOG, 1968), empreende-se uma análise quantitativo-qualitativa, com suporte metodológico do pacote de programas *Goldvarb X*, que busca determinar quais as variáveis que, em menor ou maior grau, podem condicionar a aplicação da regra variável de alteamento.

### **A produção da vogal epentética no português brasileiro por colombianos: Uma análise via Teoria da Otimidade Estocástica e Gramática Harmônica**

Roberta Quintanilha AZEVEDO (UCPel)

Carmen Lúcia Barreto MATZENAUER (UCPel)

Ubiratã Kickhöfel ALVES (UFRGS)

A pesquisa objetiva, à luz dos algoritmos de aprendizagem vinculados aos modelos formais da Gramática Harmônica - HG (LEGENDRE, MIYATA & SMOLENSKY, 1990; SMOLENSKY & LEGENDRE, 2006) e da Teoria da Otimidade Estocástica – OT (BOERSMA & HAYES, 2001), descrever e analisar o emprego de segmentos plosivos em codas mediais do Português Brasileiro, passíveis de motivação de epêntese vocálica (ex.: *et<sub>u</sub>nia*), em sequências heterossilábicas, por parte de aprendizes que são falantes nativos de Espanhol (colombianos). A motivação para o estudo diz respeito à licença que a L1 dos informantes oferece para a presença de segmentos plosivos em final de sílaba, em oposição à evitação de tal estrutura silábica por falantes do Português Brasileiro. Foram escolhidos quatro estudantes colombianos que permaneceram no Brasil por um período médio de seis meses, em mobilidade acadêmica na cidade de Pelotas-RS, com o cuidado de serem homogeneizados fatores extralinguísticos, como sexo, idade e nível de escolaridade. Para a constituição do *corpus*, foi proposto um instrumento composto de palavras cognatas do Português e do Espanhol para a leitura em frases-veículo, gravadas no Programa AUDACITY 1.3.5 (ANSI). Os dados foram submetidos a uma análise acústica com o uso do *software* PRAAT, desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink (versão 5.1.12). Foram feitos dois estudos comparativos considerando-se os padrões silábicos levantados, diferenciados pelos papéis diversos assumidos por restrições provenientes da escala de sonoridade, sob ambos os modelos teóricos (OT e HG). Para cada um destes dois estudos, três simulações foram realizadas, que tratavam, respectivamente, da aquisição do Espanhol Colombiano (L1), da aquisição plena dos padrões do Português Brasileiro (L2) e dos padrões variáveis de *output* encontrados no *corpus* (interlíngua). Foi confirmada a hipótese de que, mesmo em palavras cognatas nas duas línguas analisadas, há diferente tratamento dispensado pelos aprendizes às plosivas em coda, dependendo do sistema linguístico que está sendo utilizado pelo falante. Tal fato foi captado, à luz da Gramática Harmônica e da Teoria da Otimidade Estocástica, via hierarquia de restrições universais (BOERSMA & HAYES, 2001). A análise sob ambos os modelos, através dos algoritmos de aprendizagem a eles vinculados, revelou diferenças consideráveis nos pesos das restrições sob cada teoria. Tais resultados trazem à tona discussões importantes sobre as particularidades de cada um dos modelos, no que se refere não somente aos critérios de avaliação do melhor candidato a *output*, mas também no que

concerne ao conjunto de restrições necessárias para explicar o processo que estávamos analisando.

### **O apagamento de vogais seguidas de sibilante no português falado em Flores da Cunha (RS)**

Elisa BATTISTI (UFRGS)

Natália B. GUZZO (UFRGS)

O apagamento variável de vogais coronais seguidas de consoante sibilante no português brasileiro (*antes~an[ts]*, *desculpe~[ds]culpe*, *praticidade~pra[ts]idade*, *medicina~me[ds]ina*) elimina o gatilho da regra de palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ e faz emergir africadas (BISOL, 1986, 1991). Dados de oitiva sugerem que o processo, passível de aplicação tanto a sequências com sibilante na mesma sílaba quanto com sibilante na sílaba seguinte, pode afetar outras vogais quando átonas e atingir contextos com outras obstruintes na posição pré-vocálica (*professor~pro[fs]or*, *cabeceira~ca[bs]eira*, *conquistar~con[ks]tar*, *lambuzado~lam[bz]ado*). O objetivo do trabalho é verificar, em dados de fala extraídos de dezesseis entrevistas sociolinguísticas do BDSer (UCS) de informantes de Flores da Cunha (RS), zonas urbana e rural, (a) que vogais são apagadas em contexto de sibilante, e em que proporção; (b) que obstruintes precedem a vogal apagada, e em que proporção; (c) que variáveis linguísticas e sociais condicionam o processo de apagamento; (d) qual o *status* do processo relativamente à mudança linguística, se variação na mudança em progresso, em regressão ou se constitui variação estável no sistema da comunidade. Na análise de regra variável (LABOV, 1972) a ser realizada, serão controladas as variáveis sociais Idade, Gênero e Zona de Residência, e as variáveis linguísticas Vogal Candidata ao Apagamento, Obstruinte Pré-Vocálica, Posição da Sílaba na Palavra, Número de Sílabas da Palavra. Se o processo de apagamento interage com o de redução vocálica, a hipótese é a de que, com base em Silva (1997) e Coetzee (2004), vogais átonas apaguem mais em final de palavra do que em outras posições; considerando-se as pautas átonas mattosianas, que /a/ apague mais do que as médias /o/ e /e/ e essas, mais do que as altas /u/ e /i/. Se, como pensa Bisol (1986, p.165), o apagamento com /t/ e /d/ pré-vocálicos é favorecido no nível fonológico porque as africadas [ts] e [dz] formam uma combinação natural de segmentos, espera-se apagamento maior com /t/ e /d/ pré-vocálicos. A análise-piloto de 1580 contextos levantados de seis entrevistas revela apenas 6,5% de apagamento no português falado em Flores da Cunha (RS); nesses dados, as vogais que mais sofrem apagamento são as coronais /e/ e /i/, e as obstruintes que mais ocorrem antes das vogais apagadas são /t/, /d/, /k/.

### **Pretônicas médias em início de vocábulo na fala do Rio de Janeiro**

Silvia Figueiredo BRANDÃO (UFRJ)

Fabiane Fabiane de Mello Vianna da ROCHA (UFRJ)

Elisa Ramalho dos SANTOS (UFRJ)

Entre os temas mais focalizados no âmbito do Português do Brasil, as vogais médias pretônicas têm suscitado diversos debates, tendo em vista à atuação do alteamento, cujo caráter variável vem-se mantendo estável ao longo do tempo. O processo, apesar dos fortes condicionamentos de natureza fonético-fonológica que concorrem para sua implementação, parece também sofrer restrições de ordem lexical, o que sugere ser importante tratar alguns conjuntos do léxico em particular.

Decidiu-se, inicialmente, observar o comportamento das vogais médias em contexto pretônico com base em amostra selecionada de entrevistas do *CORPUS AVAL-RJ*, mais especificamente daquelas representativas da fala de Nova Iguaçu, Município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Levam-se em conta vogais médias que ocorrem em estruturas silábicas do tipo #V(C)\$, como nos vocábulos <e>xército/ <o>beso, <eS>cuta/ <hoS>pital; <eN>fermo/ <oN>dulado, <eR>vilha/ <oR>valho, com o objetivo de determinar, com base nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, os fatores que condicionam seu alteamento ou cancelamento.

Batistti (1996), que focalizou as pretônicas médias em sílaba inicial de vocábulo com ataque vazio e preenchido, concluiu que, nesses contextos, a vogal anterior tende a elevar-se mais do que a posterior, sobretudo quando seguida /S/ ou /N/, em que considera o alteamento “uma regra em vias de tornar-se categórica, de perder seu caráter variável”(p.119).

Para a presente análise, a amostra baseia-se em doze entrevistas com homens e mulheres distribuídos por três faixas etárias e dois níveis de escolaridade (Fundamental e Superior). Controlaram-se, além das três variáveis extralingüísticas, sete variáveis estruturais, de modo a verificar a validade das seguintes hipóteses: (a) pretônicas médias em contexto (i)#V\$ são menos suscetíveis ao cancelamento/alteamento; (ii) #VS\$ e #VN\$ apresentam alta probabilidade de alçamento, ao contrário das que se encontram em contexto #VR\$, embora se detectem casos de ditongação; (b) independentemente dos condicionamentos estruturais, as pretônicas, em determinados itens lexicais podem manifestar comportamento idiossincrático.

### **As vogais tônicas no açoriano-catarinense: Normalização e variação**

Cláudia Regina BRESCANCINI (PUCRS)

Os efeitos provocados pelas diferenças anatômicas e fisiológicas entre falantes é um dos principais elementos de interferência na comparação acústica direta de resultados referentes aos formantes vocálicos. Desde a década de 60 (cf. CLOPPER, 2009), o problema em questão tem fomentado a criação de diversos algoritmos computacionais para a normalização das medidas de frequência de formantes e a redução dos efeitos da variabilidade específica de falante. Segundo Watt, Fabricius e Kendall (2011, p. 112), entre os objetivos de tais modelos está a preocupação em preservar (i) as diferenças de

qualidade vocálica de cunho dialetal/sociolinguístico e (ii) a distinção fonológica entre vogais.

Nesse sentido, o presente estudo, o qual segue a linha sociofonética e encontra-se em andamento, pretende contribuir com tal discussão a partir da aplicação de um desses algoritmos, a saber, o *S-transform*, proposto por Watt e Fabricius (2002), à amostra de vogais em posição tônica produzidas por 6 falantes, 3 homens e 3 mulheres, nascidos e residentes em Florianópolis-SC. São consideradas 1.260 ocorrências de vogais, 30 ocorrências para cada uma das sete vogais fonológicas do português brasileiro, coletadas a partir de entrevistas de experiência pessoal. São computados como ocorrências apenas os vocábulos que acontecem na fala natural dos informantes em posição de acento nuclear, não enfático. De cada ocorrência, são tomadas as medidas dos três primeiros formantes com o auxílio do software *Praat*.

Resultados acústicos anteriores sobre as vogais tônicas na variedade florianopolitana foram obtidos a partir de amostras compostas diferentemente. Borges de Faveri e Pagotto (2000) consideraram informantes de ambos os sexos (2 homens e 2 mulheres) e Pereira (2001), apenas informantes masculinos (em número de 5). Enquanto em Borges de Faveri e Pagotto (2000) a vogal /a/ apresentou-se elevada e posteriorizada, mais próxima ao português europeu, em Pereira (2001) mostrou-se abaixada e anteriorizada, semelhante ao já relatado para o português brasileiro. Com relação à vogal /i/, o resultado também é discordante: mais centralizada para Borges de Faveri e Pagotto (2000), conforme também relata Moraes, Leite e Callou (1996) para as amostras de outras capitais brasileiras pertencentes ao banco de dados NURC, e elevada e anteriorizada para Pereira (2001), conforme se tem no português europeu. Tenciona-se, pois, especificamente, que a investigação da amostra proposta aqui permita a análise das tendências relatadas nos estudos precedentes ao valer-se de ferramenta capaz de reduzir o efeito causado pela diferença do tamanho do trato vocal em homens e mulheres sem que a possível variação sociolinguisticamente condicionada por Faixa Etária, Escolaridade e Sexo seja afetada.

### **Análise acústico-experimental do processo de coarticulação das oclusivas surdas/vogais médias abertas em sílaba pretônica**

Dyuana Darck Santos BRITO (UESB)

Vera PACHECO (UESB)

Marian dos Santos OLIVEIRA (UESB)

Estudos realizados por Pacheco e colaboradores (2007) verificaram a ocorrência fonética de vogais médias abertas em posição pretônica na fala de sujeitos naturais de Vitória da Conquista–Ba, cidade localizada a 520 Km da capital do Estado. Tendo em vista que, na realização de um segmento, o trato vocal tende a conservar sua configuração na produção de outros segmentos que lhe são adjacentes, pretende-se, neste trabalho, investigar, na fala de conquistenses, a realização das vogais médias abertas em posição pretônica, em contexto de presença e ausência de consoante adjacente. Em outras palavras, pretende-se avaliar o processo de coarticulação consoante/vogal no contexto de sílaba pretônica. Para tanto, foi elaborado um *corpus* com logatomas dissílabos oxítonos com base nas seguintes estruturas silábicas: CV.`CV

(vogal pretônica com consoante adjacente) e V.`CV (vogal pretônica sem consoante adjacente). Para composição segmental da estrutura silábica CV, ocuparam a posição consonantal as oclusivas surdas /p/, /t/, /k/, e na posição vocálica, as vogais médias abertas [é], [ó], que também se fizeram presentes na porção vocálica da estrutura pretônica de V do dissílabo V. `CV. Os logogramas que constituíram o *corpus* foram inseridos em frases veículo que foram mostradas impressas em um cartão a três informantes naturais de Vitória da Conquista-Ba quem as leram por quatro vezes. As gravações foram realizadas em cabine acústica. Foram mensurados, por meio do Praat, os valores de F1, F2 e F3 em três porções do segmento vocálico, a saber: i) *porção inicial*, primeiro pico da sequência periódica da onda sonora; ii) *porção medial*, estado estacionário; e iii) *porção final*, o último pico da sequência periódica da onda sonora. A análise dos valores das frequências se deu por meio do teste não paramétrico Kruskal-Wallis, com nível de significância igual a 0.05. Os resultados encontrados mostram que, na posição pretônica, as vogais médias não arredondadas e arredondadas não sofrem o mesmo efeito de coarticulação da oclusiva surda que lhes antecede, estando a primeira mais suscetível a alteração do seu padrão formântico, especificamente em F1 e F2. Quando está próxima da consoante, a vogal /é/ tende a apresentar valores de F1 e F2 significativamente diferentes na primeira e última porções. Esses resultados sugerem que, nesse contexto silábico, o processo de coarticulação não é categórico e pode variar de vogal para vogal, quando se trata das vogais médias abertas.

### **Harmonização vocálica do português brasileiro: Espriamento de traços através de segmentos complexos**

Graziela Pigatto Bohn CASAGRANDE (USP)

Este trabalho tem como objetivo oferecer uma análise da harmonização vocálica do Português Brasileiro sob o escopo da Geometria de Traços (GT) de Clements, segundo a qual traços são hierarquicamente organizados em uma estrutura arbórea. Em muitos casos de harmonização vocálica, segmentos consonantais intervenientes são ignorados pela regra por possuírem articulação simples. No entanto, há casos em que consoantes intervenientes quando complexas e formadas por dupla articulação podem acabar interceptando ou lançando seu próprio espraio de traços vocálicos. Isso ocorre porque segmentos complexos podem apresentar em sua articulação secundária um Nó Vocálico e, segundo às regras de boa formação da GT, a propagação de um traço não pode atravessar um segmento que seja caracterizado pelo mesmo nó ou traço que se propaga. Estes segmentos tendem, conseqüentemente, a bloquear o processo ou lançar seu próprio espraio de traço. Na presente análise, será abordado, em especial, o espraio de traço [-aberto2] quando entre as vogais adjacentes houver um segmento complexo formado por dupla articulação no Português Brasileiro. Para as soantes palatais [ɲ] e [ʎ], parte-se da proposta de Wetzels (1996) o qual defende que esses segmentos possuem uma coloração vocálica e, portanto, apresentam em sua articulação secundária a presença de nó de abertura semelhante ao das vogais altas. Já as fricativas palato-alveolares [ʃ] e [ʒ], segundo análises fonéticas e fonológicas bastante criteriosas de Brescancini (2002), não devem ter como articulação secundária nó de

abertura, mas sim traço [dorsal]. A autora defende que o nó de abertura não deve ser chamado à representação desses segmentos por eles apresentarem uma articulação secundária de corpo de língua indicando movimento de retração. Essa característica é, portanto, mais bem representada por [dorsal] sob Ponto de V. Com base nestas propostas, será mostrado que o segmento complexo com dupla articulação ora auxilia o processo de assimilação, ora torna-se invisível a ele.

### **Um panorama sobre os estudos das vogais pretônicas no português do Brasil desenvolvidas de 1980-2010**

Idalena Oliveira CHAVES (UFMG)

O estudo das vogais pretônicas, no português brasileiro, tem sido foco de atenção de várias teses e dissertações desde a década de 70. Esses trabalhos acadêmicos vêm se ampliando e hoje já temos acesso a pesquisas que mostram como essas vogais são realizadas, principalmente, nas regiões sul, norte, nordeste e sudeste. É possível, atualmente, delinear um quadro de realização para o sistema pretônico medial com certa regularidade. Essas pesquisas comprovaram que ocorrências como vogais médias pretônicas elevadas ou com o timbre mais aberto ou fechado, caracterizam, dialetalmente, algumas regiões brasileiras, entretanto, ainda não sabemos, o porquê dessa variação. Este trabalho apresenta um panorama dessas pesquisas ao longo de trinta anos, em um universo de quase 50 pesquisas. Para tanto, faço um percurso cronológico de todas as teses e dissertações realizadas desde o final de 1970 até 2010. As pesquisas linguísticas envolvendo o sistema vocálico começaram a ser realizadas, nas universidades brasileiras, nos anos 60 do século passado, mas os primeiros resultados acadêmicos só apareceram no final dos anos 70, em forma de teses e dissertações. Embora o suporte teórico fosse quase sempre comum (a sociolinguística), essas pesquisas traziam dimensões muito distintas: umas restringiam-se a descrever os fenômenos; outras também se ocupavam de analisá-los. Ademais, eram bastante distintas as abordagens pertinentes à realização das vogais: altas, baixas, fechadas ou a combinação delas. A incipiência das pesquisas, a diversidade de dimensionamento e de abordagens, aliadas ao destino dos trabalhos – geralmente guardados nas bibliotecas das instituições de origem ou nas estantes dos avaliadores e dos autores – acabaram retardando o avanço do conhecimento. Os pesquisadores, sem acesso ao saber já produzido, não raro se devotavam a estudar objetos investigados anteriormente. Não surpreende, então, que, entre 1980 e 2010 (período contemplado na presente tese), haja uma quantidade enorme de trabalhos muito parecidos, sendo a maior parte deles bem recente. Os autores citados e resenhados são sempre os mesmos, bem como os fatores observados. Daí a pouca variação dos resultados obtidos. Meu objetivo principal é organizar e analisar esse material acadêmico, observando o que já foi respondido em relação ao sistema pretônico e traçar um percurso para novas pesquisas, focalizando o que ainda é preciso ser estudado a partir do que as pesquisas, já realizadas, mostraram, de fato, sobre a alternância dessas vogais.



## **A redução de proparoxítonos na fala do Sul do Brasil**

Raquel Gomes CHAVES (UFSC)

O presente estudo assumiu como propósito a descrição e análise da incidência dos processos de síncope (*ó.cu.los* – *ó.clus*; *árvore* – *árve*, *sábado* – *sádo*) e apócope (*véspera* – *véssper*; *mínimo* – *míni*) em vocábulos proparoxítonos. Os fenômenos de supressão abordados são mencionados como processos conservadores, visto que se manifestam desde o latim e encontram-se presentes no português até a atualidade. A maioria das pesquisas centrada na análise de palavras acentuadas na antepenúltima sílaba no português brasileiro (CAIXETA, 1989; AMARAL, 1999; XIMENES, 2005; SILVA, 2006; LIMA, 2008; RAMOS, 2009) dedicou-se essencialmente ao estudo da ação do fenômeno de síncope, já que a incidência do processo na classe acentual referida tem sido relatada desde o latim clássico. No entanto, a manifestação de apócope em proparoxítonos tem sido mencionada em uma série de estudos (CAIXETA, 1989; FERNANDES, 2007; ARAÚJO et al., 2008). Esta pesquisa, fundamentada no modelo teórico-metodológico laboviano da Teoria da Variação (LABOV, 1972, 1994), comprometeu-se com uma análise de cunho perceptual dos fenômenos de apagamento referidos, com base na investigação de 102 entrevistas concedidas pelo banco de dados VARSUL. Os informantes que constituem a amostra apresentam baixo grau de escolaridade e são habitantes da Região Sul do Brasil – Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Conforme os resultados indicam, a manifestação dos processos de supressão em vocábulos proparoxítonos mostra-se regulada essencialmente por condicionares de ordem linguística. A incidência dos dois processos, nos dados analisados, obedeceu aos princípios universais e condições específicas da língua portuguesa: a síncope foi observada somente quando o processo de ressilabificação, incitado pelo apagamento, respeitou ao sistema fonológico da língua (*ó.cu.los* – *ó.clus*) e a apócope silábica (*árvore* – *árvo*), registrada em maior número do que a apócope vocálica (*número* – *númer*), indicou que, com a elisão da sílaba, o sistema fonológico também é preservado, visto que o apagamento, ao se manifestar, não incita um processo de ressilabificação.

## **Comportamento das vogais médias em posição pós-tônica não final na fala de Rincão Vermelho-RS**

Raquel Gomes CHAVES (UFSC)

Susiele Machry da SILVA (PUCRS)

No português brasileiro (doravante PB) as vogais átonas, devido à posição fraca em que se encontram, são suscetíveis à incidência de processos de redução e apagamento. A realização fonética das vogais depende do dialeto em questão. Nesse sentido, o presente estudo assume como propósito investigar a relação existente entre dois processos que incidem sobre as vogais médias /e/ e /o/ em posição pós-tônica não final: queda da vogal pós-tônica não-final (*árvore* – *árvre*) e alçamento da vogal pós-tônica não-final (*árvore* – *árvure*). A amostra para a realização da pesquisa, concedida pelo banco de dados VARSUL, foi constituída por 14 informantes oriundos da localidade de Rincão Vermelho, região de fronteira localizada no interior do Rio Grande do Sul. As etapas de

coleta e análise dos dados foram realizadas com base nos princípios teórico-metodológicos variacionistas (LABOV, 1972, 1994). Os resultados obtidos demonstram que os dois processos, síncope e alçamento, ocorrem variavelmente na comunidade e que o processo de alçamento tende a ser mais frequente do que processo de síncope nos dados de fala analisados.

### **A elisão em hiato no português brasileiro e o tratamento de sequências vocálicas resultantes**

Gisela COLLISCHONN (UFRGS)

Este trabalho discute alguns fatores que condicionam a elisão de /a/ em fronteira de palavra em uma amostra do Português Brasileiro e sua interpretação em termos de teoria fonológica. Trata-se da amostra de São Borja-RS do Banco VARSUL e a análise da aplicação da elisão em dados como *nunca errava* e *roupa inteirinha* foi feita nos moldes da teoria da variação (Ludwig Gayer, 2008).

O foco principal desta comunicação é o comportamento de sequências em que V1 é precedida por uma vogal anterior alta, como no exemplo “dia inteiro”. Neste trabalho, a argumentação baseia-se no ponto de vista de que o processo de elisão é um efeito de restrições em conflito. Considerando esse ponto de vista, em sequências do tipo /...ia#i.../, esperar-se-ia que a elisão não se aplicasse, pois o resultado é uma sequência [...ii...], que é pouco tolerada no português brasileiro. Atestam isso processos de degeminação em fronteira de palavra e bloqueios de formação morfológica, por exemplo, com -inho (\*friinho, riinho, \*arrepinho). Ou seja, esperar-se-ia que as restrições responsáveis por degeminação e bloqueio morfológico também atuassem no sentido de evitar a aplicação da elisão sempre que o resultado fosse uma sequência de vogais idênticas. Contrariando as expectativas, os dados mostram que a elisão é uma das escolhas preferidas para esses contextos (d [ii] nteiro). As consequências desta descoberta para uma abordagem não-derivacional da fonologia são analisadas.

### **A relação entre a oralidade e a escrita dos ditongos orais mediais [ej] e [ow] por sujeitos cursando os anos iniciais do Ensino Fundamental**

Alexander Severo CÓRDOBA (UCPEL)

Claudia Camila LARA (UFRGS)

Estudos apontam a monotongação dos ditongos orais mediais [ej] e [ow] na representação escrita de sujeitos cursando o Ensino Fundamental (ADAMOLI, 2006; HORA & RIBEIRO, 2006; CORDOBA, 2008-2009). Este estudo investiga a relação entre a oralidade e a escrita dos ditongos [ej] e [ow] do português brasileiro de cinco sujeitos cursando o primeiro ano e cinco sujeitos o quarto ano do ensino fundamental de uma escola de Rio Grande/RS. Alguns ditongos apresentam variação com monotongos, como: *cad[ej]ra* ~ *cad[e]ra*. Neste caso, é chamado de ditongo falso, pois está ligado a um único elemento V. Há outro tipo denominado de ditongo verdadeiro ligado a dois elementos V, *r[ej]tor* - *\*r[e]tor* (BISOL, 2010). A coleta consistiu-se em seis palavras contendo os ditongos [ej] (*cadeira, madeira e peneira*) e [ow] (*touro, tesoura* e

*cenoura*) seguidos de tepe. A fala e a escrita foram coletadas a partir de figuras referentes às palavras investigadas. A fala dos sujeitos foi coletada através do programa de gravação de áudio *Audacity*. Foram feitas as medições de F1 e F2 no programa computacional *Praat*. A representação escrita do ditongo [ej] apresentou maior percentual de monotongação do que o ditongo [ow] na escrita de ambos os grupos, diferentemente dos resultados obtidos por Adamoli (2006) e Córdoba (2008; 2009). No grupo dos sujeitos do primeiro ano, constatou-se um alto percentual de oralidade dos referidos ditongos (28/30 – 93,3%) nas palavras solicitadas, enquanto que, no grupo dos sujeitos do quarto ano, a oralidade do ditongo [ej] (4/15 – 26,6%) apresentou maior percentual do que o ditongo [ow] (1/14 – 6,6%). Há uma relação retroalimentadora (SILVA & GRECO, 2010) entre a oralidade e a escrita dos referidos ditongos.

### **Apagamento de vogais médias pretônicas no português da Amazônia paraense: A quarta variante**

Regina CRUZ (UFPA)

O presente estudo tem como objetivo caracterizar acusticamente as vogais orais átonas das variedades estudadas da Amazônia Paraense pela equipe da UFPA vinculada ao PROBRAVO. Nosso objetivo é fornecer um dos resultados alcançados com o estudo da análise acústica das vogais da variedade do português falada na capital paraense (BE0). O *corpus* original é composto de amostras de fala de 18 informantes nativos de Belém (PA) que foram gravados em situação de teste induzido. Os mesmos produziram 68 vocábulos contendo as vogais pretônicas alvo, a partir da projeção de material visual. O objetivo inicial do estudo compreendia a caracterização acústica das três variantes das vogais médias pretônicas identificadas na literatura existente para o português brasileiro, a saber: alteamento, manutenção e abaixamento. Ao se proceder a segmentação e análise acústica dos dados de BE0, constatou-se a existência de uma quarta variante no nível acústico, o apagamento da vogal média pretônica. Por esta razão, analisaremos aqui apenas os casos de apagamento das vogais médias pretônicas identificados no português da capital paraense e referentes aos informantes da primeira faixa etária (15 a 25 anos). No geral, registrou-se 6,1 % de apagamento no conjunto do *corpus*. Adiantamos que não há uma preferência pelo tipo de média a ser apagada, há casos de apagamento tanto de vogais posteriores quanto de anteriores. Os fatores sociais também não são favorecedores dos casos de apagamento. Entretanto o ambiente fonético favorecedor está nos segmentos vizinhos às vogais alvo, o que pode ser melhor explicado pela teoria dos gestos articulatórios (BROWMAN & GOLDSTEIN 1986, 1989, 1990 e 1992).

### **Consequências da queda de vogais não-recuadas pós-tônicas mediais no PB**

Gean Nunes DAMULAKIS (UFRJ)

Neste trabalho, interessa-nos discutir a queda de vogais não-recuadas em contexto pós-tônico medial no português do Brasil (PB) e processos decorrentes dessa queda, levando em conta a estrutura da sílaba. Alguns casos de queda de vogal nesse contexto podem

levar à reestruturação silábica, como nos exemplos *abóbora* → *abobra*, *xícara* → *xicra*, nos quais o onset da sílaba que perde o núcleo passa a integrar um onset complexo na sílaba seguinte. Abordamos aqui dois grupos distintos de palavras. O primeiro, grupo A, abrange palavras como *trân[z]ito* → *tran[st]o*, *mú[z]ica* → *mu[sk]a*, nas quais o onset da sílaba que perde o núcleo não passa a compor onset complexo na sílaba que a segue, que seria um padrão silábico não admitido no PB, mas passa a ser candidatável a coda da sílaba precedente, padrão recorrente na língua. Nossa hipótese, entretanto, é a de que tal consoante não se integra a nenhuma das sílabas, sendo aqui, uma consoante extrassilábica. O outro grupo de palavras, B, por outro lado, cobre itens como *hipóte[z]e* → *hipó[ts]e* e *próte[z]e* → *pró[ts]e*, nos quais, após a queda da vogal média, o segmento que fora onset também passaria a ser extrassilábico. Camara Jr (1971), ao discutir as vogais do português, considera que o quadro vocálico se reduziria de sete, em contexto tônico, para apenas quatro em contexto pós-tônico não final, devido à neutralização: /a, e, i, u/. Atemos nossa atenção apenas às não-recuadas /i/ e /e/, diante de consoantes coronais fricativas e oclusivas. Nesse contexto, após a queda, entre os segmentos, agora sem material vocálico interveniente, costuma ocorrer uma assimilação de vozeamento. Essa assimilação pode ser regressiva, ou seja, o traço [-sonoro] se espalha para a esquerda, como ocorre com itens como *trân[z]ito* → *tran[st]o*; mas pode também ser progressiva, caso em que o traço [-sonoro] espalharia para a direita, como nos itens *hipóte[z]e* → *hipó[ts]e*. Ao grupo A, podem-se juntar palavras como *médico* → *mé[tʃk]o*, *ortopédico* → *ortopé[tʃk]o*, nos quais ocorre o mesmo fenômeno. Em uma análise derivacional, podem ser formuladas duas regras: primeiro a de queda da medial pós-tônica, seguida de outra de assimilação, assim: *trân[z]ito* → *tran[zt]o* → *tran[st]o*. Em uma análise otimalista, entretanto, seria necessário postular que estariam fortemente hierarquizadas no português duas restrições: FtBin, que exige pés binários (KAGER, 1999), e ICC [voz], que exige a igualdade de valor do traço [sonoro] entre segmentos em contiguidade (PULLEYBLANK, 1997).

### **Harmonia vocálica com diminutivos: Serra Gaúcha e Belo Horizonte**

Carmen Maria FAGGION (UCS)

Numa pesquisa concluída em 2004, verificou-se que, na fala dos ítalo-descendentes da Serra Gaúcha (notadamente nas regiões rurais), ocorre presença de elevação vocálica pretônica diante dos sufixos - *inho* e - *zinho*. O dialeto português desses falantes ignora o caráter singular desses elementos mórficos na língua portuguesa. Sobre o estatuto diferente dos dois elementos mórficos em português, há muitos estudos, entre os quais assinalo Câmara (1970), Leite (1974), Moreno (1977), Costa (1993), D'Andrade (1994), Lee (1996), Mateus e d'Andrade (2000, p. 102-103), Cagliari (2002, p. 83), Basilio (2004, p. 70 s.) e outros.

Assim, verificam-se entre os ítalo-descendentes formas como 'suzinho' e 'sozinho' (com o primeiro "o" fechado) para *sozinho*, vocábulo que no português padrão teria pronúncia aberta da vogal pretônica. O caso se configura como uma regra de harmonização vocálica, de acordo com a definição de Bisol (1981), que vê a harmonia vocálica como a elevação da vogal média alta [e] ou [o], em posição pretônica, por influência da vogal alta na sílaba subsequente. Em português, assinala Bisol, a harmonia

vocálica é contígua e atinge as vogais pretônicas. O caráter de contiguidade é confirmado pela pesquisa de Matzenauer e Miranda (2003, p. 95), que veem a Harmonia Vocálica como o espraçamento regressivo do nó de abertura de uma vogal alta (p. 108), esse espraçamento não ultrapassando uma sílaba. Aliás, Schwindt (2002, p. 161 – 182) verifica que houve crescimento da regra de harmonização vocálica nas duas últimas décadas, no português gaúcho, sendo os condicionamentos principais de ordem linguística. Mas o caso de que falamos aqui é próprio, no Rio Grande do Sul, somente da Região de Colonização Italiana.

Na investigação efetuada (Faggion, 2006, 2007), na cidade de Pinto Bandeira, escolhida por ter maioria populacional de ítalo-descendentes, os resultados permitiram verificar uma tendência de diminuição de elevação vocálica diante de *-zinho*, liderada por mulheres jovens de zona urbana. A mesma faixa manifesta leve tendência a diminuir a elevação vocálica diante de *-inho*.

Essa investigação adquire novo interesse em vista de haver outro uso verificado: Viegas (2004) assinala uma pronúncia semelhante registrada em Belo Horizonte, um alçamento usado como “recurso para atribuir valor pejorativo a determinadas palavras, especialmente em diminutivos, como em *litrinha*, *cabilinho*, etc.”. Instigantes questões surgem dessa comparação de usos em diferentes regiões.

### **Harmonia vocálica e aquisição da linguagem**

Giovana FERREIRA-GONÇALVES (UFPEl)

Mirian Rose BRUM-DE-PAULA (UFPEl)

Pesquisas sobre o processo de aquisição do sistema vocálico do português têm sido desenvolvidas, com base em diferentes abordagens teóricas, basicamente na última década (RANGEL, 2002; BONILHA, 2004; MATZENAUER E MIRANDA, 2009). Os trabalhos convergem em apontar a emergência precoce do triângulo vocálico - /a/, /i/, /u/ -, seguido pelas vogais médias altas e médias baixas, sendo as últimas as de aquisição mais tardia. Sendo segmentos que emergem precocemente – o triângulo vocálico básico está presente nas primeiras palavras produzidas pelas crianças e as vogais médias baixas, por exemplo, já são consideradas adquiridas por volta de 1:7 (ano:meses) em Rangel (2002) -, os trabalhos realizados são numericamente pouco expressivos, se comparados aos estudos que investigam a aquisição do sistema consonantal. As discussões centrais, geralmente, voltam-se para a emergência tardia das vogais médias baixas e não lançaram, ainda, um olhar acerca da aquisição de regras variáveis do português, como a harmonização vocálica. A militância dos efeitos co-articulatórios na distribuição vocálica das palavras produzidas pelas crianças tem, igualmente, sido posta de lado, apesar de investigada nos dados de sujeitos adultos (ALBANO, 2001; 2004; ROCES, 2010). O presente trabalho, com base nos dados de 8 crianças (Banco de dados LIDES – Linguagem Infantil em Desenvolvimento), em processo de aquisição do português brasileiro, com idades entre 1:0 e 4:0, e na fala de seus cuidadores, verificará (i) a distribuição dos segmentos vocálicos em nomes, buscando por tendências de combinações harmônicas e desarmônicas (ALBANO, 2001) e (ii) a relação da distribuição das vogais constatada com a aplicação da regra de

harmonia vocálica no português. Ênfase será dada à aplicação da regra de harmonia vocálica quando houver a elevação das vogais pretônicas /e/ e /o/ apenas em contexto que apresente as vogais /i/ e /u/ em sílabas subsequentes, seguindo estudos realizados com base em dados de sujeitos adultos, como Schwindt (2002).

### **Alçamento de vogal pretônica: Alguns casos de variação e mudança na história do português**

Juliana Simões FONTE (UNESP)

Gladis MASSINI-CAGLIARI (UNESP)

O objetivo deste trabalho é analisar alguns processos de mudança envolvendo o alçamento de vogal pretônica ao longo da história do português.

Fonte (2010), ao examinar a grafia empregada nas 420 *Cantigas de Santa Maria* (CSM), de Afonso X, identificou diversos casos de variação gráfica entre <e> e <i>, e entre <o> e <u>, em posição pretônica, no português do século XIII (ex.: *pedir~pidir, fegura~figura, descobrir~descubrir, fogir~fugir*). A autora interpretou esses casos de variação gráfica como reflexos de variação fonética entre as vogais pretônicas do português falado no século XIII.

Os dados de Fonte (2010) revelam, em geral, variações em que uma vogal média etimológica (*pedir, fegura, descobrir, fogir*) torna-se alta (*pidir, figura, descobrir, fugir*) por influência de certos contextos fonético-fonológicos. Muitas das variações identificadas pela autora permanecem na fala de certas variedades do PB atual (ex.: *pedir~pidir, descobrir~descubrir*). Outras, no entanto, resultaram em uma mudança, na qual as variantes fonéticas (ex.: *figura, fugir*), condicionadas por processos de natureza assimilatória, foram incorporadas pelos sistemas fonológico e ortográfico do português, em detrimento das variantes com vogal média etimológica (ex.: *fegura, fogir*).

Tendo em vista esses resultados de Fonte (2010), este trabalho se propôs a investigar se há algum tipo de explicação para, em alguns casos, a variante fonética ter sido incorporada pela fonologia e pela ortografia do português e, em outros, a variação ter permanecido, ao longo da história da língua, sem acarretar uma mudança.

Câmara Jr. (1979[1975], p. 41) mostra que as vogais médias (/e, o/) pretônicas do português são provenientes das vogais latinas /ē/, /ě/ e /ĩ/, na série das vogais anteriores, e de /ō/, /ǒ/ e /ũ/, na série das vogais posteriores. Analisando os dados de Fonte (2010), verificamos que, na grande maioria dos casos em que uma variante com vogal alta (*figura, fugir*) substituiu, na história da língua, uma variante com vogal média (*fegura, fogir*), a vogal alçada provém de /ĩ/ ou /ũ/ latinos (*figūra, fūgire*). Nos casos em que a variação permaneceu, ao longo da história do português, observamos que a vogal pretônica alçada, em geral, é proveniente de uma vogal média latina (ex.: *pedir~pidir* < *pĕtĕre*). Tais dados levaram-nos a considerar a possibilidade de informações etimológicas terem influenciado na mudança das vogais pretônicas em questão.

Este trabalho, portanto, vem propor uma reflexão sobre os casos de variação fonética, envolvendo alçamento de vogal pretônica, que resultaram em mudança, ao longo da história do português.

## **Redução vocálica por falantes de inglês como LE: Características acústicas e perceptuais**

Carina Silva FRAGOZO (PUCRS)

Esta pesquisa analisa a percepção e a produção de vogais reduzidas em palavras funcionais por falantes de inglês como língua estrangeira (LE), processo entendido como a substituição de uma vogal plena pela vogal reduzida *schwa*. Falantes nativos de inglês geralmente produzem um *schwa* em palavras funcionais durante a fala contínua, e o uso de vogais plenas nessas palavras se restringe a casos em que há intenção de ênfase ou quando a palavra funcional é citada. Falantes brasileiros de inglês como LE, entretanto, tendem a produzir vogais plenas em palavras funcionais mesmo quando não há a intenção de ênfase, o que altera o ritmo da língua e caracteriza o sotaque estrangeiro. Assim como no Inglês, as vogais em palavras funcionais do Português são geralmente reduzidas, mas não de uma vogal plena para o *schwa*. Assim, a redução vocálica ocorre categoricamente em palavras funcionais no Inglês, mas depende de aspectos como registro e velocidade de fala no Português. A partir das diferenças no processo de redução vocálica nas duas línguas, este trabalho propõe-se a descrever e analisar a variação na produção de vogais plenas e reduzidas em palavras funcionais produzidas por falantes brasileiros de inglês como LE.

A amostra foi composta por dados de dezesseis falantes de inglês como LE do sexo feminino, divididas em quatro grupos: falantes de nível intermediário, falantes de nível avançado, professoras de curso de inglês e docentes universitárias, atuantes em cursos de Letras (Inglês e Português/Inglês). A coleta dos dados foi realizada por meio de um instrumento com sessenta frases afirmativas contendo as palavras funcionais *at*, *for*, *from*, *of* e *to*. Os dados foram verificados perceptual e acusticamente e, em seguida, receberam tratamento estatístico oferecido pelo programa Goldvarb-X.

Através da condução da análise por informante, identificaram-se como fatores linguísticos relevantes para a redução vocálica a velocidade de fala das informantes, controlada através da duração de cada frase, a duração das vogais e o registro de fala.

## **A elisão na frase fonológica**

Juliana Ludwig GAYER (UFRGS)

A elisão é um dos processos de sândi vocálico que ocorrem para resolver o choque entre núcleos silábicos (em português, vogais). Esta regra ocorre em fronteira de palavras, ou de constituintes maiores, no contexto /a/#V, ou seja, sempre que temos a vogal /a/ seguida de outra vogal (diferente de /a/). Com a aplicação da regra, a vogal /a/ é elidida, fazendo com que a sequência fonológica fique reduzida em uma sílaba. Nossa pesquisa anterior, com dados da amostra de São Borja do Banco VARSUL, descrita em Ludwig-Gayer (2008), mostrou que o domínio da frase fonológica é o preferido para a regra se aplicar, resultado semelhante ao encontrado em outros trabalhos. Nesta pesquisa, o nosso objetivo é verificar se os dados da elisão fornecem evidências para a hipótese de que as regras de sândi levam em conta apenas os constituintes prosódicos e não a estrutura morfossintática da qual estes constituintes derivam. A partir dos dados do nosso levantamento sobre a elisão pretendemos responder as questões a seguir: (i) a

aplicação de elisão é diferente em contexto de frase fonológica simples e de frase reestruturada (conforme distinção proposta em Nespor e Vogel (1986)? ; (ii) a constituição morfológica das frases exerce algum condicionamento na aplicação da elisão? ; (iii) faz alguma diferença se a vogal elidida for vogal temática, índice temático, morfema de tempo ou de gênero? Como pretendemos, nesta pesquisa, focar nos contextos no interior da frase fonológica, selecionamos, dos dados do levantamento anterior, apenas aqueles cujo contexto ocorre em interior de frase fonológica ou de grupo clítico, totalizando 496 casos para este estudo. Nossos resultados mostraram que há diferença na taxa de aplicação da elisão quando temos uma frase fonológica simples ou reestruturada, mas contrariamente a qualquer expectativa que tínhamos quanto aos resultados, a aplicação é mais baixa na frase simples (49,7%) do que na reestruturada (73,5%). Além disso, a constituição morfossintática das frases também parece ter papel, já que algumas classes de palavras apresentaram uma taxa de aplicação elevada, enquanto outras apresentaram uma porcentagem baixa: nomes e numerais, por exemplo, obtiveram uma alta taxa de aplicação, 88,8% e 81,2%, respectivamente, ao passo que adjetivos e conjunções apresentaram baixa porcentagem, 33,3% e 25%, respectivamente. Já em relação ao tipo de morfema da vogal elidida - se vogal temática, índice temático, morfema de tempo ou de gênero -, as diferenças nas taxas de aplicação não parecem ser significativas. A nossa análise finaliza com a discussão das implicações desses resultados para a teoria da fonologia prosódica.

### **Síncope das vogais postônicas não-finais: Um estudo contrastivo entre as variedades brasileira e europeia**

Danielle Kely GOMES (UFRJ)

As proparoxítonas constituem, em português, o padrão acentual marcado, o menos frequente. Por essa razão, os vocábulos proparoxítonos apresentam um comportamento bastante particular, diretamente associado ao processo de síncope, isto é, o enfraquecimento e, posteriormente, a elisão de segmentos. A síncope pode acarretar o apagamento da primeira vogal átona ou a supressão da própria sílaba em que ela está inserida, afetando, ainda, os segmentos adjacentes – tanto na coda da sílaba tônica quanto no onset da sílaba átona final.

A elisão da vogal átona não-final é um processo comum nas diversas variedades do Português e culmina na regularização do proparoxítono em paroxítono. Todavia, por mais que seja reconhecida – sob as mais diversas linhas de investigação – a produtividade do fenômeno, os trabalhos que o investigam estão circunscritos a algumas variedades do português brasileiro, com base em *corpora* elaborados especificamente para a produção de itens lexicais proparoxítonos. Ainda não há notícias de trabalhos que observem a regularidade do processo de apagamento da postônica não-final na variedade européia.

Desta forma, o trabalho propõe-se a investigar a produtividade do processo de apagamento da postônica não-final nas variedades brasileira e europeia, a partir da observação das variáveis linguísticas e sociais que condicionam o fenômeno. Assim, analisam-se inquéritos de bancos de dados que refletem a realidade linguística do português brasileiro – os *corpora* NURC (Norma Urbana Culta) e PEUL (Projeto de



Estudos sobre os Usos Linguísticos) – e do português europeu – as entrevistas do projeto *Concordância*. Dá suporte às investigações o instrumental teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (Weireinch, Labov, Herzog, 1968; Labov, 1972, 1994, 2000). Pretende-se, com o trabalho, apresentar um panorama das variedades consideradas em relação ao processo de elisão da vogal postônica não-final e, por conseguinte, da regularização das palavras proparoxítonas em paroxítonas.

### **Vogais: Processo de acomodação dialetal**

Dermeval da HORA (UFPB)

Inconteste é a afirmação de que as vogais médias pretônicas do Português Brasileiro (PB) apresentam um quadro de variação que separa o falar do nordeste do falar do sudeste. Assim, pode-se afirmar que paraibanos e paulistanos apresentam realidades dialetais diferenciadas, no que concerne ao uso das vogais mencionadas. Enquanto paraibanos realizam vogais abertas, como em “p[ɛ]lada”, “p[ɔ]rrada”, paulistanos realizam-nas como fechadas: “p[e]lada”, “p[o]rrada”. O que ambos os grupos têm em comum, entretanto, é a elevação dessa mesma vogal em itens como “m[i]nino”, “c[u]ruja”. Partindo dessa premissa, pode-se questionar: o que acontece com os paraibanos que passam a residir em São Paulo? Será que no seu processo de acomodação social as vogais médias pretônicas sofrem alguma alteração? Para responder a tais questionamentos, serão utilizados dados de 12 paraibanos que residem em São Paulo há mais de cinco anos. Além de ser observado o processo de variação concernente às vogais médias pretônicas, será avaliada a atitude dos falantes em relação a aspectos linguísticos e sociais. A base teórica que norteará essa análise tem como foco estudos variacionistas e também atitudinais.

### **Um estudo pancrônico da harmonia vocálica em português**

Tatiana KELLER (UFSM)

Evellyne Patrícia Figueiredo de Sousa COSTA (UFSM)

Neste trabalho, investigamos a ocorrência de harmonia vocálica em formas em que a vogal média pretônica (/e/ ou /o/) é seguida por vogal alta (/i/ ou /u/) na sílaba seguinte, como em *menino*, *segunda*, *coruja*, *domingo*. Dados do *Appendix Probi*, tais como *bipennis non bipinnis*, *doleus non dolium* e de cartas pessoais do século XIX do Projeto “Para uma História do Português Brasileiro”, por exemplo, *descubrisses*, *despidir*, *estabelicimentos*, já evidenciam a incidência desse processo. Além disso, estudos sobre o português falado, de cunho variacionista (BISOL, 1981, 1989; SCHWINDT, 1995, 2002) mostram que o alçamento dessas vogais é um fenômeno variável e de baixa aplicação. Estudos difusionistas como os de Oliveira (1991, 1992) indicam que a ocorrência de harmonia vocálica restringe-se a formas específicas. De modo similar, o estudo de Keller e Costa (2011) sobre a elevação das vogais pretônicas na fala infantil indica que esse fenômeno está restrito a um número reduzido de vocábulos. Partimos do pressuposto de que uma mudança linguística pode ser analisada em um *continuum*

conforme Monareto (2005), que defende o rompimento da dicotomia sincronia/diacronia, proposto inicialmente por Weinrich, Labov e Herzog (1968) na análise de fenômenos linguísticos variáveis. Em virtude disso, propomos um estudo de cunho pancrônico com dados do latim clássico e vulgar, do português antigo e atual e com dados de aquisição da linguagem a fim de contribuir para uma descrição mais abrangente desse fenômeno em português. É sabido que o dado escrito se configura como uma importante fonte para a pesquisa linguística. De acordo com Poggio (2002), para estudar a mudança linguística, é necessário investigar estágios linguísticos diferentes. Dessa forma, este estudo contribui também para o estudo de processos fonológicos a partir de registros escritos antigos. Resultados preliminares apontam para um caráter difusionista, ou seja, foneticamente abrupto e lexicalmente gradual (WANG e CHENG, 1977), do processo em questão.

### **As vogais do PB e a Gramática da Percepção**

Seung Hwa LEE (UFMG)

Marco Antônio de OLIVEIRA (PUCMG)

As vogais do PB mostram contraste, dependendo da tonicidade e da posição onde se encontram nas palavras; conforme Lee & Oliveira (2003): há 7 vogais {a, ε, e, i, o, ɔ, u} na posição tônica; as vogais médias podem flutuar em relação ao traço [ATR] e ao traço [High] nas sílabas pré-tônicas e nas pós-tônicas na posição não-final da palavra {a, ε ~ e ~ i, i, o ~ ɔ ~ u, u}; por último, nas sílabas pós-tônicas finais somente ocorrem as vogais altas e a vogal baixa {a, i, u}. Essas alternâncias das vogais médias são resultado de processos fonológicos (variáveis), tais como harmonia vocálica e redução vocálica. Além disso, Lee & Oliveira (2006) mostram que a flutuação de vogais médias envolve questões mais complexas, como mistura de atuação de processos fonológicos, a falta de variação, compreensão comum e a mudança categórica de classe.

A Fonologia Gerativa (Chomsky & Halle, 1968), aí incluída a Teoria da Otimalidade (Prince & Smolensky, 1993), concentra todo seu esforço em como o falante produz a forma fonética correta e, assim, concebe o modelo da gramática como unidirecional – da representação subjacente para a representação fonética. A variação fonológica na comunidade/indivíduo (como as alternâncias vocálicas do PB, por exemplo) é resolvida, ora por regras opcionais (na fonologia gerativa), ora por candidatos ótimos múltiplos a partir da mesma representação subjacente (na OT). Isso traz problemas, tanto para a teoria formal quanto para a teoria variacionista laboviana, no que diz respeito à explicitação do conhecimento fonológico do falante nativo (Lee & Oliveira, 2006).

Este trabalho pretende: a) discutir o papel da percepção na gramática; b) esboçar um modelo teórico que seja capaz de solucionar os problemas apontados acima. Para isso, assume, como pressupostos, especificamente, que: (i) A percepção tem o papel importante para explicitar o conhecimento linguístico do falante nativo; (ii) As alternâncias entre as vogais médias são determinadas pelo inventário do fonema na perspectiva da Teoria da Hierarquia (Contrastiva) de traços (Dresher, 2009; Clements, 2005), segundo a qual os traços são ranqueados de cima para baixo na hierarquia; (iii) A gramática é bidirecional; (iv) A gramática está sujeita a princípios gerais como Máximo Contraste e Mínimo Esforço; (v) A gramática da produção é um subconjunto da

gramática da percepção; (vi) A gramática da percepção pode eliminar as formas agramaticais.

### **Alçamento das vogais médias na fala de Curitiba sob a sociolinguística quantitativa**

Larissa LIMEIRA (UFRGS)

Este trabalho se propõe a estudar o comportamento das vogais médias /e/ e /o/, na fala dos habitantes de Curitiba, usando como base a teoria da sociolinguística quantitativa, desenvolvida por Labov. O fenômeno de alçamento das vogais médias é bastante estudado na variação linguística do português brasileiro e o interesse em investigar esse comportamento na cidade de Curitiba é justificado pelo fato de que a não aplicação da elevação nos informantes dessa cidade, observada em estudos como o de Vieira (2002, 2009) contraria uma tendência de variação linguística identificada e categorizada nas demais cidades do Brasil. A pouca ou nenhuma aplicação dessa regra variável, principalmente entre as comunidades de fala de Curitiba e de algumas cidades do interior do Rio grande do Sul, pode ser um indício de que esse comportamento esteja motivado por fatores sociolinguísticos como a localização geográfica. O trabalho que pretendemos desenvolver é uma análise do comportamento variável das vogais médias em palavras como: *gente, noite, alegre, perto, chove, expresso, lanchonete, livre, etc.*, e nos clíticos (*que, se, do, com*), a qual se propõe a entender que fatores condicionantes (variáveis sociais e linguísticas) estão implicados no fenômeno.

Para essa pesquisa foram levantadas todas as ocorrências de vogais médias de 12 informantes do banco do projeto VARSUL (Variação Linguística do Sul do Brasil). Para que fosse construída uma amostragem equilibrada, que permita investigar a influência das variáveis sociais no comportamento linguístico, privilegiou-se a seleção de igual número de informantes, no que concerne à categorização por sexo, faixa etária e escolaridade. O modelo teórico utilizado para explicar o fenômeno estudado foi o da Teoria da Variação, modelo teórico também conhecido por Sociolinguística Quantitativa, desenvolvido por Labov e colaboradores, que postula a existência de uma relação entre as variantes linguísticas e a comunidade de fala. Nesse modelo, a variação linguística nunca pode ser considerada livre, pois existem fatores extralinguísticos que influenciam a aplicação ou não aplicação de uma determinada regra variável. O modelo de estudo é quantitativo, pois é realizado com a seleção e análise estatística de dados coletados de forma estratificada.

Baseados em resultados de levantamentos anteriores, postulamos as seguintes hipóteses quanto aos resultados esperados da análise: i) os informantes dessa cidade aplicam em uma quantidade pouco significativa ou não aplicam o alçamento das vogais médias postônicas; ii) os informantes aplicam o alçamento das vogais pretônicas de forma mais significativa, especialmente em contextos de harmonia vocálica; iii) nos clíticos, a não aplicação do fenômeno é quase categórica; iv) dentre os fatores extralinguísticos, são os fatores de idade e sexo os principais condicionadores da variação.

Nesta comunicação trataremos uma análise preliminar dos resultados dos levantamentos realizados, apontando os fatores selecionados como relevantes e a sua interpretação em termos de teoria da variação e teoria fonológica.

## **Comportamento das vogais nos sotaques brasileiros**

Izabel Maria LOPES (FACOS)

Cada indivíduo tem sua própria maneira de falar, seu próprio sotaque. O dicionário define sotaque como a “maneira particular de determinado locutor pronunciar determinados fonemas em um idioma ou grupo de palavras”. Robinson (1977) diz que se pode definir os sotaques como “constituindo variantes de uma linguagem em que apenas as realizações específicas de uma proporção de fonemas são diferentes, permanecendo as mesmas regras gramaticais, léxicas e semânticas”. O que muda não é a palavra em si, mas a maneira como cada indivíduo pronuncia determinada palavra. Em cada território pode ser encontrado um sotaque diferente e esta diversidade de sotaques mostra que os brasileiros falam o mesmo idioma, porém o falam de maneiras diferentes.

A variabilidade é uma característica própria a qualquer sistema linguístico e as escolhas entre dois ou mais sons não ocorrem simplesmente por opção do falante, todavia obedecem a um padrão especial em relação ao ambiente linguístico e ao contexto social. É isso que estuda a sociolinguística, a relação entre língua e sociedade e as suas variantes. Dentre as diferentes variedades da nossa língua e seus diferentes traços existem aqueles que são relacionadas apenas as vogais, como o fenômeno de alçamento. O alçamento representa a elevação que uma vogal assume quando passa de um nível de articulação baixo para outro mais alto.

Em cada sotaque podem-se encontrar diferentes tipos de alçamento. Aqui no Rio Grande do Sul, por exemplo, encontra-se o registro de elevação das vogais médias pretônicas. Em Minas Gerais ocorre o mesmo fenômeno com as pretônicas e também nas postônicas. Já no nordeste ocorre o processo contrário, de vogal média alta para vogal média baixa. Outro fenômeno bastante interessante é as diferentes pronúncias da vogal baixa central em posição postônica em regiões divergentes.

Apesar desta grande diversidade linguística, existe uma unidade que faz com que todos se entendam e tenham certeza de que falamos a mesma língua.

## **Harmonia vocálica: As pretônicas no triângulo mineiro**

José S. MAGALHÃES (UFU)

Estudos variacionistas realizados em quase todas as regiões do Brasil têm comprovado que os subsistemas vocálicos do Português Brasileiro caracterizam-se, em sua maioria, por 5 vogais na posição pretônica e 3 na átona final, ficando a posição postônica não-final propensa à variação entre 5, 4 ou 3 vogais. Análises teóricas, sejam elas pela linha estruturalista de Trubetzkoy (Camara Jr, 1970), pela fonologia autosegmental (Wetzels, 1992) ou pela Teoria da Otimidade (Bisol e Magalhães, 2004), dão conta, com mais ou menos precisão, da descrição desses sistemas. Somam-se a essas diferentes aplicações teóricas discussões sobre o estatuto das regras que se aplicam ao sistema vocálico, ora fundamentando-se na hipótese neogramática (Bisol, 2010), admitindo que a mudança sonora é lexicalmente abrupta e foneticamente gradual, ora buscando elementos nas ideias difusionistas (Oliveira, 2003) de que a mudança é lexicalmente gradual e foneticamente abrupta. Embora a descrição dos subsistemas vocálicos esteja bastante

avançada, há algumas lacunas que ainda permeiam as análises teóricas, quais sejam: os fenômenos que tem as vogais pretônicas como alvo são todos da mesma natureza?

Todas as vogais pretônicas estão sujeitas igualmente ao mesmo fenômeno engatilhado pela vogal tônica, independentemente de aquela estar adjacente ou distante uma, duas ou mais posições com relação à sílaba acentuada? De posse de dados de fala do Triângulo Mineiro e norteado por esses questionamentos, este trabalho pretende retomar a harmonia vocálica – entendida aqui como resultado de uma regra de espraçamento de traços engatilhada pela vogal tônica e que tem como alvo as pretônicas – com objetivo de descrever o subsistema dessa região e analisar a forma como tal fenômeno ocorre, isto é, verificar se a harmonia acontece de modo transparente (local) com todas as pretônicas, ou se existe algum caso de espraçamento opaco (de longa distância).

De antemão, pode-se atestar a pertinência das questões que aqui se colocam a partir de dados como os apresentados a seguir:

- |                       |   |
|-----------------------|---|
| (i) formiga > furniga | (ii) mexerica > mixirica/mexirica             |
| menino > minino       | disenteria > disintiria/disenteria/desintiria |
| coruja > curuja       | empecilho > empecilho/impecilho               |
| ferida > firida       | periferia > pirifiria/piriferia               |

Ademais, pretende-se mostrar que os dados de fala do Triângulo Mineiro apontam para um sistema de sete vogais também na sílaba pretônica, o que alimenta sobremaneira as discussões sobre os processos que atuam sobre tais segmentos (Neutralização? Redução? Harmonia?). Os dados abaixo, comprovam essa afirmação:

- |                  |             |              |
|------------------|-------------|--------------|
| (iii) g[ε]l[ε]ia | bul[ε]ia    | *b[ɔ]l[ε]ia  |
|                  | C[ɔ]r[ε]ia  | *C[u]r[ε]ia  |
| p[ε]r[ε]ba       | m[ɔ]cr[ε]ia | *mucr[ε]ia   |
| l[ɔ]r[ɔ]ta       | mul[ε]que   | *m[ɔ]l[ε]que |

### **Harmonia vocálica: Um epifenômeno na aquisição fonológica**

Carmen Lúcia Barreto MATZENAUER (UCPel)

O fato de a literatura da área da fonologia atribuir à Harmonia Vocálica (HV) alta frequência no funcionamento das línguas poderia dar suporte à hipótese de que teria presença predominante entre os processos característicos de fases iniciais da aquisição fonológica pelas crianças. No entanto, estudos sobre a aquisição da fonologia de diferentes línguas mostram ser a Harmonia, tanto vocálica como consonantal, processo atuante, mas não prevalente. Questionando-se o fundamento de tal constatação, realizou-se pesquisa sobre o comportamento da HV na produção linguística de 84 crianças falantes nativas de português brasileiro (PB), com idade entre 1:9 – 3:9 (anos: meses). A análise dos sistemas fonológicos em desenvolvimento possibilitou a identificação de características do funcionamento da HV, com base na verificação de gatilhos e alvos do processo, bem como dos traços que harmonizam e do possível condicionamento do acento primário dos itens lexicais. Dentre os resultados, merece destacar-se que, durante a aquisição da fonologia, semelhantemente ao que ocorre na Harmonia Consonantal (HC), são alvo do processo de HV os segmentos de emergência mais tardia, mostrando-se harmônicos os traços já especificados contrastivamente no

sistema da criança. Também exercem influência sobre a HV, na construção do sistema fonológico de crianças falantes de PB, o acento primário e o emprego de outros processos característicos da aquisição da fonologia das línguas, de modo particular os processos de “reduplicação” e de “epêntese”. Comparando-se o comportamento do processo de HV na fonologia do PB e de outras línguas, concluiu-se, por esta pesquisa, haver uma relação entre os traços que se mostraram harmônicos e o seu funcionamento no sistema-alvo da aquisição. Denotando baixa frequência no *corpus* estudado, a HV, na aquisição da fonologia do PB, revelou-se um epifenômeno vinculado especialmente a três aspectos: (a) à ordem de emergência dos segmentos vocálicos na constituição da fonologia das crianças, (b) ao emprego do processo de reduplicação e (c) ao emprego do processo de epêntese. Obtidos os resultados, sua análise e formalização evidenciaram-se adequadas via conflito de restrições, com o suporte da Teoria da Otimidade, a partir da proposição de Prince e Smolensky, 1993; McCarthy e Prince, 1993.

### **Um estudo acústico das vogais tônicas em duas variedades de português do Brasil** Virginia Andrea Garrido MEIRELLES (UCB)

Este trabalho examina a teoria da dispersão (LILJENCRANTS, LINDBLÖM, 1972; LINDBLÖM, 1975, 1989, 1990; DISNER, 1984) e a teoria quantal da fala (STEVENS, 1972, 1989) para as vogais tônicas realizadas em duas variedades de Português do Brasil; o português falado em Brasília e o português falado no Rio Grande do Sul. Para isso, foram coletados dados com falantes alfabetizados de Brasília e de sete cidades gaúchas (Alegrete, Caxias do Sul, Canela, Flores da Cunha, Porto Alegre, São Francisco de Paula e Uruguaiana) obtendo-se um total de 1434 vogais para análise. Compararam-se os resultados das vogais, realizadas por homens do Rio Grande do Sul com aquelas realizadas por homens de Brasília. Também compararam-se as vogais realizadas pelas mulheres das duas regiões. Os resultados acústicos mostraram que na realização vocálica, tanto de homens quanto de mulheres, há mais variação entre as vogais médias do que entre as vogais pontuais /i/, /a/, e /u/, fato que confirmaria a teoria quantal da fala. Entretanto, de acordo com os dados, essa variação poderia estar relacionada com diferenças dialetais, dando sustento, dessa forma, à teoria da dispersão. Por outro lado, quanto à organização dos dois sistemas vocálicos, a comparação revelou que as diferenças com base articulatória podem ser descartadas uma vez que nenhum sistema vocálico encontra-se deslocado com respeito ao outro. Esse evento indica que a variação entre as vogais médias, pode ser atribuída a diferenças dialetais. Assim, o estudo se mostra inconclusivo com respeito às duas teorias, mas indica que, provavelmente, na organização dos sistemas vocálicos operam duas tendências: uma para as vogais pontuais e outra para as outras vogais. Esses resultados estão de acordo com as afirmativas de Recasens e Espinosa (2006, 2009) segundo as quais as características acústicas dos espaços vocálicos podem estar associadas com tendências específicas dos diferentes dialetos, e não somente com o número de vogais do sistema vocálico.

## **Investigação acústico-articulatória das vogais desvozeadas no PB**

Francisco de Oliveira MENESES (UNICAMP)

Recentemente, um significativo número trabalhos vem explorando a existência ou não de vogais desvozeadas em diversas línguas naturais e em diferentes contextos como, por exemplo, no francês (Smith, 2003; Fagyal and Moisset, 1999), no turco (Jannedy, 1995), no coreano (Jun e Beckman, 1993), no japonês (Kondo, 1997; Tsuchida 1997), entre outras. No PB, por outro lado, o fenômeno ainda não foi amplamente explorado e documentado. O presente trabalho descreve parte das atividades desenvolvidas dentro do projeto “Estudo das vogais desvozeadas do Português Brasileiro: efeitos da relação CV e VC”, orientado pela Profa. Dra. Eleonora Cavalcante Albano. O objetivo da pesquisa é identificar e analisar a ocorrência de vogais desvozeadas no português brasileiro (doravante PB), investigando as condições em que as vogais se apresentam com maior ou menor grau de desvozeamento.

Muitas vezes entendida como uma síncope vocálica (apagamento total de um gesto), o desvozeamento tem sido entendido como um fenômeno relacionado a uma sobreposição de gestos (Jun e Beckman, 1993). Parte-se da idéia de que a ausência de acento encurta o gesto vocálico e afeta o tempo relativo da consoante adjacente à vogal (Chitoran e Iskarous, 2008).

A hipótese levantada acima não caberia em descrições fonológicas tradicionais, as quais, em geral, lidam com operações básicas de comutação no que se refere a presença ou não de alofonias nas línguas, pautada na idéia da distintividade. Por este motivo, a base de nossa investigação é a Fonologia Articulatória – doravante FAR (Browman e Goldstein, 1986, 1990). Em relação à representação tradicional, a FAR é capaz de expressar gradientes mínimos, nos quais a maior ou menor sobreposição gestual resulta em processos distintos.

Os resultados apontados neste trabalho partem da gravação de três dos cinco sujeitos já gravados, todos naturais de Vitória da Conquista, Bahia. A análise acústico-articulatória partiu da medida da duração relativa do ruído+vogal e a análise dos dois primeiros momentos espectrais das fricativas que acompanham as vogais. Os resultados, até agora, mostram que os momentos espectrais seguem o mesmo padrão em sílabas com vogais vozeadas e desvozeadas. A duração é altamente significativa, mostrando uma grande redução da magnitude vocálica. Além disso, ressalta-se a coexistência de vogais totalmente desvozeadas e parcialmente desvozeadas. Há evidências de que isso muda de acordo com a consoante seguinte. Dentre os resultados iniciais, este último é o que mais advoga a favor de um efeito sobreposição de gestos, em detrimento à síncope vocálica.

## **Nasal, lateral ou glide?**

Odete Pereira da Silva MENON (UFPR)

O que há de comum entre o português antigo *emxunqueção / eixecucom, enxempro, eiceção, emleger / emliçom, marfil, rubim, vïir, bargantiis*, de um lado, e os atuais *vim* (infinitivo de *vir*), *Maicom* (de *Michael* (Jackson)) e *polcan / pocan / ponkan* (nome de fruta cítrica), de outro? Como o falante interpreta / cria / estabelece as relações entre fones / fonemas e grafemas? Como justificar a representação grafemática por nasal,

quando não há condicionadores no vocábulo, como em *execução* (*emxuqueção*) ou *eleger* (*emleger*)? No presente, veja-se o caso da pronúncia das sílabas nasais cuja vogal seja /e/, uma das características do dialeto paulistano: ditongação, mesmo na posição átona medial como em *entendeu* (pois na átona inicial também ocorre em outros dialetos, como na palavra *então*, que pode ter, ainda, a pronúncia com alçamento da vogal média nasal). Por que ocorre a variação *marfil* / *marfim* e *rubi* / *rubim*? Se se pode imputar a nasalização de *mim* ou *muito* à presença de nasal inicial, como explicar as ocorrências de *sim* (*pera sim*) por *si* (pronomes reflexivos), ou *assy* > *assim*, *outrossi* > *outrossim*, para o que não se pode alegar ação da analogia, como se faz para lat. *sic* > port. *sim* ? O que há de comum entre a nasal, a lateral e o glide?

Trata-se de processo inerente à língua, atuante no presente como o foi no passado?

### **Indícios da harmonia vocálica em dados de aquisição da escrita**

Ana Ruth Moresco MIRANDA (UFPel)

É no sistema vocálico do português que se concentram os fenômenos mais instigantes da fonologia da língua portuguesa. Estudos sobre os processos que afetam a pauta átona, sobretudo os que envolvem as vogais médias, e também a pauta tônica, como a metafonía nominal, por exemplo, estão na base das investigações sobre o funcionamento da gramática dos sons da língua desde as clássicas descrições de Mattoso Câmara Jr. Neste trabalho, com o intuito de contribuir para com o panorama de estudos que se inscrevem nesse campo, os quais partem de dados sincrônicos e diacrônicos sobre dados de variação, de aquisição da oralidade e de constituição do sistema ortográfico, serão analisados dados de aquisição da escrita. A relação entre a fonologia e a ortografia nas escritas infantis tem sido explorada nas pesquisas desenvolvidas no Grupo de Estudos sobre a Aquisição da Língua Escrita (GEALE – FaE/UFPel). Na base dessas investigações, estão as idéias de que a criança: i) constrói a fonologia de sua língua a partir da interação entre mecanismos inatos para a construção da gramática e o input de dispõe; e ii) lança mão, ao adquirir a escrita, de conhecimentos que já possui sobre seu sistema fonológico, o qual, por sua vez, poderá ser também afetado pelas práticas de letramento vivenciadas por ela, em uma via de mão dupla. O presente trabalho, que trata das grafias de vogais em contexto de harmonia vocálica, tem a finalidade explorar indícios desse fenômeno, que se manifestam no período em que a criança está se apropriando do sistema alfabético de escrita. Será feita a análise e a comparação das grafias infantis com os resultados já obtidos a partir de dados de fala produzidos por adultos e também por crianças em período de desenvolvimento fonológico. Os dados de escrita foram extraídos de textos espontâneos produzidos por sujeitos que cursavam uma das quatro primeiras séries/anos do ensino fundamental e, após serem descritos com base nas variáveis definidas por Bisol (1981), serão analisados à luz da Fonologia Autossegmental (Clements e Hume, 1995).



### **Análise acústico-comparativa das vogais brasileiras (dialeto capixaba) com as vogais norte-americanas (dialeto do meio-oeste)**

Irma Iunes MIRANDA (UFES)

Verificam-se as características acústicas dos sistemas vocálicos do português brasileiro e do inglês americano, dada a importância das vogais, pois delas dependem as características prosódicas da fala. Propõe-se a estabelecer parâmetros de comparação entre as vogais do português brasileiro, do dialeto capixaba, e do inglês americano, do dialeto de Kansas, bem como observar distinções e coincidências no que se refere às suas qualidades acústicas. Do ponto de vista acústico, as vogais podem ser caracterizadas pelas frequências de seus formantes, resultados das diferentes formas assumidas pelo trato vocal. As vogais são mais comumente descritas pela altura e anterioridade da língua no momento de sua realização, dado que o arredondamento não se estabelece como um traço distintivo para as línguas estudadas. Porém, devido à grande dificuldade em se descrever a posição da língua no momento de realização de uma vogal, para uma descrição ainda mais apurada da qualidade das vogais se faz necessária a observação das distâncias apresentadas entre as vogais que compõem o repertório fonético de determinado falante. Essas distâncias podem ser estimadas pelas medidas acústicas de cada vogal quando plotadas no gráfico de frequências dos formantes F1 x F2. As medidas das frequências dos dois primeiros formantes refletem a posição dos articuladores no momento de realização da vogal. Os informantes brasileiros e americanos pertencem à faixa etária dos 20 aos 40 anos, com curso superior completo ou por concluir. Os informantes brasileiros são capixabas nascidos e criados na cidade de Vitória e os informantes americanos nasceram no estado de Kansas e são moradores da cidade de Lawrence. O corpus foi obtido por meio de gravações de leituras de frases veículo contendo as palavras que carregam a vogal a ser investigada. As frases foram gravadas em sequência aleatória, repetidas dez vezes para cada vogal. As palavras foram escolhidas de modo a apresentarem um ambiente fonético similar, para que as influências dos sons vizinhos não comprometessem a análise das vogais. As análises das frequências dos primeiro e segundo formantes (F1 e F2) foram feitas através do programa Akustyk/Praat. Um processo de normalização se fez necessário para compensar as diferenças fisiológicas entre os falantes e, posteriormente, análises estatísticas foram aplicadas para a identificação de grupos distintos.

### **Valor fonético das vogais postônicas /e/ e /o/ do português brasileiro**

Valéria Neto de Oliveira MONARETTO (UFRGS)

Um dos problemas mais difíceis do vocalismo do português antigo é o valor fonético a ser atribuído às letras *e* e *o* quando não derivadas das formas tônicas do latim (Naro, 1973). Não há evidências diretas que atestem a realização dessas vogais como [e, o] ou [i, u] em português antigo. A ortografia revela ocorrências acidentais de registros variáveis desses segmentos, e as gramáticas dos séculos XVI, XVII XVIII alertam sobre a relação estreita dessas letras. Há posicionamentos contraditórios sobre a natureza

fonética e, portanto, há caráter variável da pronúncia de /o/ e de /e/, que parece estar condicionada a variedades de fala e a aspectos prosódicos e contextuais. Estudos na área de teoria e análise lingüística revelam que, nas posições átonas, o sistema vocálico do português é reduzido, quando comparado à posição tônica. Conforme Câmara Jr (1971), as sete vogais /a, e, ε, o, ɔ, u/ passam a três, /a, i, u/, em decorrência de um processo de neutralização de vogais médias e vogais altas, condicionado prosodicamente. Entretanto, esse processo de neutralização não é categórico no português brasileiro. Estudos sobre esse fenômeno fonológico na fala do sul do Brasil, sob a ótica da sociolingüística laboviana (Vieira, 2002, 2010), revelam que a neutralização atua como uma regra variável, pois são encontradas realizações ora como vogais médias [e, o], ora como vogais altas [i,u], como, por exemplo, nas formas *pent[e]*, alternado com *pent[i]*; *bordad[o]*, como *bordad[u]*, entre outros. Na posição átona não-final, há casos nos quais não se verifica a neutralização, como em *\*cóc[u]ras* e em *\*vésp[i]ra*, por exemplo, o que parece evidenciar a natureza desse fenômeno como regra variável com condicionamentos distintos, agindo para os diferentes contextos de neutralização. Este trabalho propõe aliar interpretações teóricas da Fonologia sobre o fenômeno de alternância vocálica do /e/ e do /o/ com evidências históricas para estabelecer possível trajetória e tendência das vogais postônicas no português. Com base em registros em algumas gramáticas de português até o século XIX, em dados extraídos de jornais do século XIX do Rio Grande do Sul, e em resultados de exame de fala do Banco de dados do Projeto Variação Linguística Urbana do Sul do País (VARSUL), a presente pesquisa espera esclarecer alguns aspectos relacionados ao valor fonético das vogais postônicas da língua portuguesa.

### **Sistema vocálico do português brasileiro: Ortografia e fonologia na escrita infantil**

Carolina Reis MONTEIRO (UFPEL)

Ana Ruth Moresco MIRANDA (UFPEL)

O sistema fonológico vocálico do português apresenta relação assimétrica tanto em relação às formas fonéticas da língua como no que diz respeito às formas ortográficas. Em decorrência do fato de não haver uma relação direta entre o nível fônico, o nível fonético e o gráfico da língua, estudos sobre aquisição da escrita das vogais (MIRANDA, 2006, 2007, 2008) têm mostrado que a criança extrai dos conhecimentos que possui acerca do sistema de sua língua subsídios às formas gráficas e, ao fazer isso, engendra grafias que se caracterizam como erros ortográficos. Este trabalho tem por objetivo descrever e analisar dois tipos de amostras de dados, dados de escrita e de produção oral, a fim de contribuir para com a discussão relativa à constituição e à representação fonológica do sistema vocálico do português, a partir do Modelo Representacional com base em Restrições de Clements (2001). A primeira amostra composta de erros relacionados à grafia das vogais do PB. Com o intuito de obter dados de escrita inicial foram aplicados instrumentos específicos para a coleta de grafias das vogais, nas diferentes posições átonas, realizadas por crianças dos anos iniciais. Uma análise preliminar dos dados de escrita, com o objetivo de comparar as grafias da vogal coronal com a da vogal dorsal, revela que: i) na posição pretônica há o alçamento do ‘e’ e do ‘o’ tanto em casos de Harmonia Vocálica como em casos sem motivação aparente;

ii) na posição postônica não-final há o alçamento tanto da vogais dorsal – abób[u]ra – como também da vogal coronal – núm[i]ro; iii) na posição átona final são mais frequentes os erros relacionados à grafia da vogal coronal. A segunda amostra é composta de produções orais de crianças, que cursam da pré-escola até a quarta série, com o intuito de analisar a produção das vogais dorsais e coronais. Os resultados até agora obtidos oferecem indícios que contribuem para a discussão acerca da constituição do sistema fonológico e do modo como se dá sua aquisição, bem como para as investigações sobre a relação entre a fonologia e a escrita ortográfica.

### **Sobre a relação entre qualidade vocálica, tonicidade e síndrome de *down*: O caso das vogais altas**

Marian dos Santos OLIVEIRA (UESB)

Vera PACHECO (LAPEFF-UESB)

Na fala, uma sílaba é identificada como tônica quando é, auditivamente, mais saliente e proeminente que as demais sílabas do enunciado. A tonicidade de uma sílaba pode possuir como parâmetros acústicos maiores valores de F0, intensidade e duração. (FRY, 1976). Além disso, alterações no padrão formântico das vogais podem ser observadas em função do grau de tonicidade da sílaba na qual a vogal se encontra (MATEUS ET AL, 1990). Por sua vez, a síndrome de Down (SD), evento genético que ocorre durante a divisão celular do embrião, altera o trato vocal de pessoas que nascem com a síndrome em virtude da hipotonia da musculatura orofacial e da macroglossia ou falsa macroglossia ou cavidade oral pequena e isso faz com que a fala deles seja, auditivamente, diferente da fala de pessoas sem SD. Perguntamos: que alterações percebemos na tonicidade das vogais altas produzidas por sujeitos com SD, em função das modificações do trato vocal dessas pessoas? Há alguma relação entre padrão formântico e sílabas pretônicas (imediatamente adjacente e não imediatamente adjacente à sílaba tônica), tônicas e postônicas (não final e final) e síndrome de Down? Para responder a essas perguntas, gravamos, em cabine acústica e com microfone e placa de som de qualidade, palavras da língua portuguesa, contendo as sete vogais do sistema fonológico do PB, inseridos em sintagmas curtos e falados por quatro sujeitos com SD (dois homens e duas mulheres) e quatro sem síndrome (dois homens e duas mulheres) em quatro repetições. Por meio do software Praat, foram obtidas as frequências dos três primeiros formantes (F1, F2 e F3), extraídos do estado estacionário da vogal nos diferentes tipos silábicos, quais sejam, pretônico,ônico e postônico. Na análise, partimos dos pressupostos da Teoria Fonte e Filtro da produção a fala (FANT, 1960), segundo os quais medidas acústicas fornecem pistas articulatórias da produção vocálica, sendo possível, pois, por meio dos valores de F1, F2 e F3, determinar a qualidade de uma vogal. As diferenças entre as médias dos valores de F1, F2 e F3 encontrados foram avaliadas através do teste não paramétrico Kruskal-Wallis. Foram consideradas diferenças significativas, entre as médias, os valores de p menores que 0.05, para alfa=0.05. Os resultados obtidos mostram que os sujeitos com Down não distinguem vogal tônica de vogal átona. Diferentemente dos sujeitos sem Down que tendem a produzir as vogais altas com padrão formântico específico a depender do grau de tonicidade da sílaba onde se encontram.

### **O alçamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ sem motivação aparente em uma análise em tempo real**

Melissa Ferreira OSTERLUND (UFRGS)

Felipe SILVEIRA (UFRGS)

Tess SIMAS (UFRGS)

Valéria N. Oliveira MONARETTO (UFRGS)

As vogais médias pretônicas /e, o/ podem ser realizadas, no português brasileiro, em sílabas átonas, como [i, u], respectivamente. Assim, por exemplo, as palavras *menino/coruja* (1º grupo); *pequeno/cometa* (2º grupo) podem ser pronunciadas como *m[i]nino/c[u]ruja*; *p[i]queno/c[u]meta*. No primeiro grupo, a motivação para que /e, o/ se tornem [i, u] se dá pela presença das vogais altas /i, u/ na sílaba tônica. Esse fenômeno chama-se de *Harmonia Vocálica*. No segundo grupo (*pequeno/cometa*), também é possível o alçamento de vogais quanto à altura. Porém, não há, nesse caso, nenhuma motivação aparente para que esse processo ocorra. Por isso, é chamado de *Alçamento sem Motivação Aparente*. É sobre este último processo que este trabalho versará. A ocorrência de [i, u] em contexto pretônico parece ser um fenômeno variável na fala do português brasileiro. Contudo, há controvérsias sobre seu *status* como regra variável, em termos labovianos, pois não haveria, em princípio, fatores linguísticos e sociais que o influenciariam em dados de fala da região sul do Brasil (Bisol, 2010). Essa pesquisa tem como tarefa principal investigar quantitativa e qualitativamente a questão desse fenômeno ser condicionado ou não, conforme o modelo da Teoria da Variação de Labov (1966). Para tanto, foram utilizadas duas amostras de fala de indivíduos portoalegrenses, coletadas em diferentes épocas (1970 e 1990), o que nos possibilita também fazer algumas inferências sobre mudança linguística em tempo real. A variável dependente analisada considera palavras, como *refogado*, *erradamente*, por exemplo, e desconsidera casos em que há vogal alta, como *perigosa*. Espera-se dos resultados índices consideravelmente baixos de aplicação de *Alçamento sem Motivação Aparente*, pela falta de condicionador fonológico relevante – o que pode sinalizar um caso de interferência apenas lexical, conforme algumas pesquisas apontam.

### **O alçamento vocálico de pretônicas em nomes na fala do noroeste paulista: Enfoque sociolinguístico**

Vanessa Cristina PAVEZI (UNESP)

Luciani TENANI (UNESP)

Nesta comunicação, apresentamos os resultados da atuação dos fatores sociais sexo/gênero, idade e escolaridade na aplicação variável do alçamento de vogais pretônicas em substantivos e adjetivos na variedade falada em São José do Rio Preto e região, interior do estado de São Paulo. Enfocamos o processo de redução vocálica que se realiza devido à relação entre a vogal candidata ao alçamento e as consoantes adjacentes à vogal, como em “p[e]queno” ~ “p[i]queno” e “c[o]meço” ~ “c[u]meço”. Para tanto, empregamos o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, nos moldes de Labov (1972), e utilizamos como *corpus* uma amostra de fala proveniente do banco de dados Iboruna. Com base na fundamentação teórica, questionamos se o fenômeno em análise é estigmatizado pela comunidade de fala

considerada. Partimos da hipótese de que se mulheres com grau de escolaridade superior apresentarem baixos índices de alçamento e os demais informantes pertencentes a outros perfis sociais apresentarem, relativamente, altos índices de alçamento, então esse fenômeno pode ser considerado estigmatizado. Tal hipótese se firma na constatação, plenamente reconhecida na literatura variacionista, de serem as mulheres mais sensíveis do que os homens à atribuição de prestígio a formas linguísticas e, devido a esse comportamento, mais conservadoras. Além disso, consideramos o fato de a escolarização em nível superior ser considerada um fator de normatização da língua. Os resultados gerados pelo programa GoldVarb mostraram que não há, de modo geral, diferenças significativas na taxa de aplicação do fenômeno para as variáveis sociais consideradas, pois houve alçamento (i) tanto para homens quanto para mulheres; (ii) em todas as faixas etárias; e (iii) em todos os níveis de escolaridade. Portanto, considerados os resultados da análise das variáveis sociais e linguísticas selecionadas pelo programa, concluímos que o alçamento não é sensível a pressões sociais na comunidade de fala estudada, podendo-se afirmar que não é estigmatizado socialmente e está sujeito, mais fortemente, a fatores de natureza linguística, tais como (i) altura da vogal da sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo, (ii) modo de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo; (iii) distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica; (iv) tonicidade da vogal da sílaba pretônica-alvo; e (v) estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre.

### **Epêntese vocálica e produção de codas complexas monomorfêmicas e bimorfêmicas com o sufixo *-ed* do inglês por brasileiros: padrões acústicos encontrados**

Reiner Vinicius PEROZZO (UFRGS)

Ubiratã Kickhöfel ALVES (UFRGS)

Um recurso bastante utilizado por aprendizes brasileiros de inglês para atenuar as diferenças entre os padrões silábicos da língua estrangeira (LE) e os da língua materna (L1) é a epêntese vocálica. Esta transferência de padrões silábicos (cf. KOERICH, 2002; SILVEIRA, 2004) e de padrões grafo-fônico-fonológicos (ZIMMER, 2004; ZIMMER & ALVES, 2006) realizada pelo aprendiz brasileiro, que ocorre da L1 para a LE, é subsidiada pela inserção de uma vogal de caráter epentético a se localizar (i) entre a consoante final da raiz do verbo e a oclusiva que indica o morfema em questão, em casos de palavras bimorfêmicas; ou (ii) entre os dois segmentos consonantais que compõem a coda complexa das palavras monomorfêmicas, sendo possível, também, que ocorra ao final da coda complexa. Destes cenários, decorrem produções tais como [ˈrɒ.bɪd] e [ˈkɪ.sɪd] para os alvos ‘robbed’ [rɒbd] e ‘kissed’ [ˈkɪst], bem como [ˈæ.kɪt] e [ˈɔ.pɪt] para os alvos ‘act’ [ækt] e ‘opt’ [ɔpt], além de [ˈæk.t(ʃ)ɪ] e [ˈɔp.t(ʃ)ɪ] para os mesmo alvos. A vogal epentética presente nas produções foi avaliada sob diferentes parâmetros acústicos, tais quais: (i) qualidade da vogal epentética; (ii) grau de vozeamento do segmento vocálico; (iii) duração da vogal; e (iv) contexto fonológico em que surge a epêntese vocálica. Para melhor explorar a natureza e o aparecimento da vogal epentética ilegal, os alunos participantes do presente estudo foram submetidos a dois testes de produção: solicitou-se que os aprendizes (i) produzissem frases orais a partir de verbos, previamente selecionados para o experimento, contendo o morfema

‘-ed’; e (ii) lessem frases que continham verbos com a marca de passado regular (ex.: *liked*), bem como frases contendo palavras monomorfêmicas com codas complexas formadas por obstruintes (ex.: *opt*) – o que possibilitou verificar se a produção de vogais epentéticas, nas tentativas de produção das palavras com o sufixo ‘-ed’, adivinham de uma não-aquisição dos padrões de coda da LE ou se podiam ser motivadas, também, pela transferência grafo-fônico-fonológica da língua materna para a língua. Espera-se, com este trabalho, contribuir para a expansão do campo teórico que abarca fenômenos epentéticos e, também, fornecer suporte ao professor de LE para um enfoque mais detalhado no que concerne à produção da vogal intrusiva.

### **Duração e intensidade nas vogais médias abertas de sílaba pretônica no falar de conquistenses**

Priscila de Jesus RIBEIRO (UESB)

Luiz Carlos da Silva SOUZA (UESB)

Vera PACHECO (UESB)

Segundo Câmara Jr. (1970), o sistema vocálico do Português Brasileiro (PB) é constituído por sete vogais distribuídas em muitos alofones. Segundo o autor, na posição tônica, esse sistema vocálico conta com sete vogais distintivas; na posição pretônica ocorre, segundo o linguista, uma redução das vogais médias baixas (é, ó) em favor das médias altas (ê, ô). Assim, na posição pretônica, o quadro vocálico fica reduzido a cinco vogais (a, ê, ô, i, u). Apesar de essas vogais médias, em posição pretônica, não se encontrarem em relação de oposição, estudos realizados com informantes de Vitória da Conquista/BA mostram que é recorrente a ocorrência fonética dessas vogais nessa posição na fala dos indivíduos pertencentes a essa comunidade. Pesquisas sobre a qualidade acústica dessas vogais (Pacheco; Ribeiro, 2007) apontam que essas vogais apresentam um padrão formântico que evidencia a tendência de uma realização com um grau de abertura maior do que se é esperado para o padrão das médias abertas prototípicas, sendo, portanto mais abertas. Se em termos de padrões formânticos as vogais médias abertas realizadas por conquistenses parecem apresentar um padrão formântico diferente daquele esperado para as vogais médias abertas, a pergunta que se coloca neste trabalho é se essas vogais também são diferentes quanto a sua duração e intensidade, padrões importantes na caracterização vocálica (Kent; Read 2002). Para isso, foi montado um corpus com palavras compostas pelas vogais em questão na posição pretônica. Cada palavra foi inserida na frase veículo “Digo \_\_\_\_\_ baixinho”, a fim de obter-se homogeneidade no ambiente fonético. Em seguida, os informantes, num total de quatro, leram cada uma das frases três vezes de maneira aleatória. Essas leituras foram gravadas em cabine acústica. Os valores de intensidade e duração relativa foram obtidos por meio do software Praat. Os dados foram submetidos à análise estatística. Os resultados obtidos mostram que, nessa comunidade linguística, as vogais médias baixas tendem a ser produzidas com valores de intensidade e duração maiores do que quando estão em posição tônica.

**Apócope das vogais átonas [i] e [u] na comunidade rural de Beco, Seabra-BA**  
 Maria do Carmo Sá Teles de Araújo ROLO (UFBA)

O presente trabalho representa parte dos resultados que integram a dissertação de mestrado intitulada *Apócope das vogais átonas [i] e [u] em duas localidades do Centro Sul Baiano: Beco e Seabra*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia (UFBA) como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre. É um trabalho de base descritiva, desenvolvido à luz dos postulados da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1983) e nele faz-se um estudo fonético-fonológico, correlacionando fatores linguísticos e extralinguísticos que possam condicionar as ocorrências. O aspecto investigado, na presente comunicação, refere-se à apócope da vogal átona em vocábulos paroxítonos na fala da comunidade rural de Beco, distrito de Seabra-Bahia. O objetivo principal é verificar a presença ou ausência das vogais altas finais [i] e [u] na realização da fala bem como definir as condições que favorecem ou restringem o apagamento. Sabe-se que, no sistema vocálico brasileiro, em posição de final de vocábulos paroxítonos, as vogais átonas caracterizam-se como as mais débeis (CÂMARA Jr., 2004) e ficam reduzidas a 3, pois algumas oposições são suprimidas. Nessa posição, as vogais átonas finais flutuam mais em decorrência da variação dialetal. Na comunidade rural de Beco, observa-se uma forte tendência ao desaparecimento da vogal átona em final de vocábulos como em disse ~ ['dis]; bife ~ ['bif]; povo ~ ['pov]. Para implementação da análise foi utilizado um *corpus* formado por 2.537 ocorrências, sendo 575 de presença (22%) e 1.962 de ausência (77%) da vogal átona final que foram submetidas ao programa GOLDVARB. Além disso, procurou-se fazer uma análise acústica dos dados, através do programa PRAAT, com o objetivo de respaldar o fenômeno em estudo. A amostra analisada é constituída de oito inquéritos, realizados pelo próprio pesquisador na comunidade investigada. Como variável linguística, consideram-se as consoantes pré-vocálicas. Como variáveis sociais consideram-se o gênero/sexo e a faixa etária. Da análise realizada, foi possível observar que a consoante pré-vocálica oclusiva dento-alveolar [t] favorece a apócope da vogal [i]; quanto à vogal [u], o grupo consonântico obstruinte + [r] é o que mais favorece. O processo de apócope, na comunidade, parece estar intimamente associado à faixa etária com falantes mais velhos favorecendo-a significativamente. Quanto ao gênero, os resultados apontaram os homens como maiores favorecedores do processo. É possível concluir que a apócope na localidade de Beco caracteriza-se como um fenômeno com uma leve tendência a desaparecer.

**A monotongação dos ditongos [ey] e [ow]: Análise comparativa nas comunidades rurais de Seabra, Bahia**

Neila Maria Oliveira SANTANA (UNEB)

Marcelo Alcântara MOREIRA (UNEB)

É muito comum, na fala informal e espontânea, os ditongos [ey] e [ow] se realizarem de maneira variável em palavras como: *louça ~ loça, roupa ~ ropa, peixe ~ pexe, cadeira ~ cadera*. Esse fenômeno – denominado redução do ditongo decrescente ou monotongação – consiste na passagem de ditongos, /ei/, /ai/, /ou/, por exemplo, à

situação de vogais simples, /e/, /a/, /o/, e é cada vez mais perceptível no falar espontâneo brasileiro. Por conta dessa variabilidade, a monotongação, como fato linguístico, tem sido bastante discutida no português do Brasil. Assim, tendo em vista o exposto acima, objetiva-se com este trabalho: a) verificar a presença ou ausência dos ditongos [ey] e [ow] na realização da fala dos indivíduos de comunidades rurais da Bahia; b) analisar a atuação das variáveis linguísticas na supressão das semivogais nos ditongos [ey] e [ow]; e c) investigar se há relação entre certas características sociais dos informantes das comunidades analisadas e a aplicação da regra de supressão das semivogais nesses ditongos. A amostra utilizada nesta pesquisa faz parte do *corpus* que compõe o Projeto Sociolinguística e Ensino e o fenômeno será analisado no discurso oral de falantes de quatro comunidades rurais do município de Seabra-BA, a saber: Velame, Baixio D’Aguada, Campestre e Beco. Na análise do fenômeno, a partir dos pressupostos teóricos-metodológicos da Sociolinguística Quantitativa laboviana, utilizou-se uma amostra composta de vinte e duas entrevistas, sendo seis informantes de cada comunidade, com exceção do Beco que conta com apenas quatro. Os dados selecionados foram submetidos à quantificação através do pacote de programa Varbrul 2S e do GoldVarb X. Os resultados mostraram que: a) o ditongo [ow] apresenta frequência maior de supressão da semivogal do que o ditongo [ey]; e b) fatores linguísticos e sociais exercem influência na redução dos ditongos decrescentes considerados para análise nesta pesquisa. Ao analisar de forma sistemática fenômenos variáveis existentes no comportamento linguístico de comunidades rurais pode-se fornecer evidências empíricas fundamentais para constatar sua variação, contribuindo para o avanço do conhecimento acerca da história linguística e cultural da Bahia, subsídio importante para a definição de políticas culturais e pedagógicas no Estado.

### **Análise acústica da realização de codas mediais /p/, /k/ e /f/ em dois diferentes dialetos do português brasileiro: Um estudo sobre Afrouxamento da Condição de Coda**

Bruna Koch SCHMITT (UFRGS)

George de SOUZA (UFRGS)

Ubiratã Kickhöfel ALVES (UFRGS)

O Português Brasileiro (PB) não permite consoantes não-sonoras em posição de coda, com exceção de /s/ (BISOL, 1999). A epêntese constitui, portanto, o mecanismo de silabação que tem a função de salvar segmentos flutuantes, que não podem ser silabados nem como a coda da sílaba precedente, nem como parte do ataque da sílaba seguinte, quando tais segmentos não satisfazem nem a Condição de Coda (CC), nem a Condição de Ataque (ex. \*cap.tar, \*ca.ptar – ca.pi.tar) da língua. Porém, constata-se que a epêntese medial nem sempre se superficializa, ficando a coda ocupada por um elemento não permitido pela CC, o que constitui o Afrouxamento da Condição de Coda (ACC) (ex. cap.tar, op.tar) (BISOL, 1999; COLLISCHONN, 2002). O presente trabalho tem o objetivo de verificar os índices de ACC em dois diferentes dialetos do português brasileiro, o gaúcho e o paraibano, através da caracterização acústica em palavras com codas mediais compostas pelos segmentos /p/, /k/ e /f/. Com isso, esperamos descrever os padrões acústicos encontrados em tal contexto fonológico: ocorrência de epêntese



vozeada, epêntese desvozeada e não ocorrência de epêntese. Hipotetizamos que os dois diferentes dialetos apresentarão índices diferentes do fenômeno de ACC, além de haver uma maior ocorrência de epêntese do que de coda preenchida pelo segmento não-sonoro, em concordância com Bisol (1999), que afirma que a obstruente superficializada na coda não mostra indícios de generalização e que a epêntese tem se tornado uma característica do PB. Esperamos, com a presente pesquisa, contribuir para a caracterização do fenômeno variável de ACC em diferentes dialetos, através de uma descrição mais apurada da realização do fenômeno, a partir da análise acústica dos dados coletados dos dois dialetos em questão.

### **Efeitos paradigmáticos envolvendo vogais na morfologia verbal portuguesa**

Luiz Carlos SCHWINDT (UFRGS)

Emanuel Souza de QUADROS (UFRGS)

O português brasileiro apresenta um processo de harmonia vocálica verbal na segunda e na terceira conjugação que provoca concordância de altura entre a vogal da raiz de verbos dessas conjugações e suas respectivas vogais temáticas. Esse processo caracteriza-se por atingir a vogal da raiz quando ela recebe acento primário (p. ex. *sigo*, mas *seguir*). Há, no entanto, um padrão geral de superaplicação, exemplificado pelas formas do presente do subjuntivo, em que o efeito desse processo pode ser observado, ainda que a vogal da raiz não seja acentuada (*sigamos*, *sigais*). Schwindt (2007) analisa esse padrão de superaplicação como resultante de uma correspondência paradigmática entre as formas da primeira pessoa do singular do presente do indicativo e as formas do presente do subjuntivo. O estudo mencionado também exemplifica essa correspondência por meio dos resultados de um experimento de produção de pseudopalavras, em que os informantes tenderam a utilizar a mesma vogal da raiz no presente do indicativo e no subjuntivo. Diferentemente da derivação, o estudo de efeitos paradigmáticos em sistemas flexionais coloca a dificuldade de se definir o ponto de partida, ou a forma mais básica, da qual dependem as demais. Nos sistemas verbais, isso se complexifica, já que não há argumentos semânticos claros para sustentar a prevalência de um modo-tempo ou pessoa-número sobre outro em todos os casos. Neste trabalho, apresentamos outros casos em que formas dos paradigmas verbais parecem tomar a primeira pessoa do indicativo como modelo de formação, como na formação de participípios irregulares (*eu chego – ela tinha chego*) (Chagas de Souza, 2007). Buscamos explicar por que a forma de base para esses padrões irregulares é a da primeira pessoa do singular e não, por exemplo, a de terceira pessoa do singular, normalmente considerada como mais frequente e/ou menos marcada. Avaliamos, especificamente, os méritos da proposta de Albright (2002) sobre a escolha de formas de base de paradigmas morfológicos, em relação aos dados do português brasileiro.

### **As três harmonias na pretônica de Teresina-PI**

Ailma do Nascimento SILVA (UESPI)

Este artigo tem por objetivo descrever e analisar a pronúncia das vogais médias pretônicas no dialeto de Teresina-PI com vistas a explicar o seu complexo comportamento variacional que se apresenta sob três formatos harmônicos: a) uma realização com a vogal média aberta [e, ɔ], que obedece a marca dialetal da região; b) uma realização com a vogal alta, [i, u], usual a todos os falares brasileiros; c) uma realização com a vogal média fechada, [e, o] que escapa à regra geral do dialeto em estudo. Além da descrição de cada um desses processos, interessa-nos discutir também a atuação concorrente entre eles no dialeto. Para esse estudo, propomos uma análise com base nos pressupostos da Teoria da Variação de Labov (1972). A metodologia adotada foi a usualmente empregada em estudos de caráter variacionista. O *corpus* utilizado contou com 5.308 realizações de pretônicas, coletadas por meio da técnica de entrevistas de experiência pessoal gravada com 36 informantes correspondente a 18 perfis de falantes do sexo feminino e 18 do sexo masculino estratificados socialmente, na faixa etária (20-35; 36-50 e +50 anos) e escolaridade (Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior). As variáveis linguísticas consideradas na análise foram: contiguidade, homorganicidade, tonicidade, paradigma, distância da tônica, derivada de tônica e os contextos fonológicos precedente e seguinte. Os dados foram submetidos ao pacote de programa computacional VARBRUL 2S. No cômputo geral, a análise eneária revelou que a maior concentração das vogais médias pretônicas fica na área das vogais baixas bastante ativas no sistema, ao lado da Harmonização com a vogal alta, uma regra de aplicação variável, e da Harmonização com a vogal média fechada, o que nos sugere um sistema com três Harmonias. Este é o sistema em uso dos falantes da capital do Piauí e, provavelmente, de todo o Nordeste, como se depreende nos estudos de Mário Marroquim (1934) e Barbosa da Silva (1989).

### **O alçamento das vogais médias pretônicas na fala de São José Norte/RS**

Márcia Eliane da SILVA (UFRGS)

Gisela COLLISCHONN (UFRGS)

Este trabalho ocupa-se da investigação do fenômeno variável da Harmonia Vocálica na pauta pretônica na fala da comunidade de São José do Norte, RS. Trata-se de uma análise nos moldes variacionistas do alçamento (elevação) das vogais médias /e, o/ em pauta pretônica, transformando-as em [i, u] respectivamente quando seguidas de vogal alta em sílaba subsequente. O trabalho pretende contribuir para descrever as características desse fenômeno no português do Brasil, pois trata-se de uma amostra ainda não analisada no que se refere à Harmonia Vocálica. Os dados vêm da amostra coletada por Amaral (2000) com falantes da comunidade rural e urbana daquele município, localizado na porção litorânea situada entre a Lagoa dos Patos e o Oceano Atlântico, a 8 km do município de Rio Grande e a 51 km de Pelotas. O isolamento a que a região ficou submetida, por razões de dificuldade de acesso, e a dedicação a atividades tradicionais, tais como a pesca e a plantação de cebola, tornam a região interessante para pesquisas de cunho sociolinguístico e dialetológico. A amostra é atualmente parte

integrante do Banco VARSUL. O *corpus* é constituído a partir das entrevistas de 24 informantes, estratificados conforme idade, sexo e escolaridade. Quanto aos condicionadores linguísticos e extralinguísticos considerados, a nossa pesquisa tem como referência os estudos de Bisol (1981) e Schwindt (1995, 2002). A coleta resultou em 1348 dados para /e/ e 951 para /o/. A análise pelo Programa GOLVARB mostrou que a taxa de aplicação da elevação, até o momento analisada, para /e/ foi de 40% (input 0.35) e para /o/ de 42% (input 0.37). Todas as variáveis consideradas revelaram-se significativas. Alguns dados foram excluídos da análise, na primeira rodada devido ao fato de ocorrer *Knockout* tanto para a vogal /e/ quanto para /o/. Na comunicação, apresentaremos os resultados desta análise e alguns aspectos de sua interpretação. Mostramos também como estes resultados se relacionam aos de outras análises do fenômeno no português do sul do Brasil.

### **As vogais tônicas, pré-tônicas e átonas finais do português vernacular são-tomense: uma análise quantitativa**

Alfredo Christofolletti SILVEIRA (USP/FAPESP)

O objetivo deste trabalho é investigar a realização das vogais tônicas, pré-tônicas e átonas finais do português vernacular são-tomense (PVS) partindo de um corpus de 30 horas de fala espontânea. O sistema vocálico será descrito considerando variáveis linguísticas e sociolinguísticas. Embora seja uma variante transplantada do português europeu, o sistema vocálico do PVS difere deste sistema. Tanto o aprendizado do português como L2 (por gerações passadas), como a influência das línguas crioulas de base portuguesa faladas no país atualmente, podem ter influenciado a língua portuguesa em São Tomé.

Os métodos utilizados para constituição e análise do corpus foram baseados na sociolinguística variacionista, baseado em variáveis sociais: sexo, idade e escolaridade. Para a análise, foram consideradas variáveis linguísticas que poderiam influenciar na realização das vogais, como: posição silábica da vogal (tônica e pré-tônica); posição da vogal na estrutura; contexto precedente; contexto seguinte; entre outras.

Em uma análise prévia, os dados apontam para um sistema de sete vogais na posição tônica, assim, a vogal central média /ə/ presente na variante europeia (cf. MATEUS & D'ANDRADE, 2000) não seria realizada no PVS. Na posição átona o número de vogais tende a diminuir, pois na posição pré-tônica as vogais altas /e/ e /o/ são neutralizadas com as vogais média-altas /e/ e /o/, que por sua vez estão em variação, pois as vogais /e/ e /o/ na posição pré-tônica podem ser centralizadas e realizadas como /i/ e /u/ respectivamente, como nos exemplos: 'Tomé' [tu'mɛ], 'depois' [dɨ'poʃ], 'escreve' [ɨ'krɛvi], 'governo' [gu'venu]. Na posição átona final o número de vogais realizadas diminui ainda mais, em ambas variantes, o fonema /e/ é neutralizado, sendo realizado como [ɨ] e o fonema /o/ neutralizado, realizado foneticamente como [u], portanto formando o quadro /i, u, ə/ e anulando totalmente as vogais médias, essa redução é também verificada no na variante brasileira do português (CAMARA JÚNIOR, 1970), (BISOL; MAGALHÃES, 2004).

Os motivos para justificar esse comportamento no sistema vocálico do PVS ainda estão sendo estudados. Porém, a influência do contato com as línguas crioulas faladas no país, como o santomé (FERRAZ, 1979), o principense (MAURER, 2009) e o angolar (MAURER, 1995) parece ser um fator fundamental para a escolha pelo sistema de sete vogais, característico das línguas africanas, em detrimento do sistema do PE composto por oito vogais na sílaba tônica.

O estudo sobre o sistema vocálico do português vernacular são-tomense é importante para aumentar o nosso conhecimento sobre uma variante do português; documentar o português em um ambiente multilíngue; confrontar um sistema em diglossia; possibilitar outros estudos sobre o PVS e sobre outras variantes de português nos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa).

### **Alteamento das médias pretônicas no município do Rio de Janeiro: dados das décadas de 70 e 90**

Eliete Figueira Batista da SILVEIRA (UFRJ)

Silvia Carolina Gomes de SOUZA (UFRJ)

O presente trabalho tem como objetivo descrever o comportamento das vogais médias seguidas de consoante nasal, com base em dados da oralidade das décadas de 70 e 90. Para tanto, utilizam-se seis informantes pertencentes a três faixas etárias (25-35a; 36 – 55a; 56a em diante) e nos dois gêneros (masculino e feminino), disponibilizados no endereço eletrônico do projeto *Norma Linguística Urbana Culta – RJ* (NURC). Verifica-se a possibilidade de estas vogais altearem de [e] ~ [i] e de [o] ~ [u].

Segundo Fernão de Oliveira, “das vogais, entre u e o pequeno há tanta vizinhança, que quase nos confundimos, dizendo uns ‘*sorrir*’ e outros ‘*surrir*’ e ‘*dormir*’ ou ‘*durmir*’ e ‘*bolir*’ ou ‘*bulir*’ e outras partes semelhantes. E outro tanto entre i e e pequeno, como ‘*memória*’ e ‘*memórea*’, ‘*glória*’ e ‘*glórea*’.” Castro (1991) propõe que a elevação das pretônicas se tenha generalizado no português durante a primeira metade do séc. XVIII, destacando que deva ter se iniciado no século anterior.

Através de análise quantitativa e qualitativa, intenta-se observar se o alteamento teve sua frequência de uso modificada nas décadas de 70 e 90. Além disso, com os subsídios teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista de orientação laboviana (WEINREICH; LABOV & HERZOG, 1968), pretende-se verificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a atuação do fenômeno.

Em uma análise preliminar, foram encontrados 1087 dados: 718 ocorrências da vogal média anterior e 369 ocorrências da vogal média posterior. O alteamento ocorreu 525 vezes no conjunto das vogais pretônicas médias anteriores e 17 vezes nas vogais pretônicas médias posteriores, ou seja, 73,1% de alteamento de [e] e 4,6% de alteamento de [o]. Portanto, nessa primeira análise constatou-se que há uma diferença quantitativa entre o alteamento de [o] e de [e], comprovando-se as hipóteses de que: (i) há maior produtividade do processo de alteamento entre as pretônicas anteriores; (ii) o alteamento é mais frequente nessas vogais. Tais resultados também foram encontrados nos estudos de Viegas (1987) - 2190 dados de vogal pretônicas anterior [e] contra 1741

de vogal posterior [o] - e Lemos (2003) - 614 dados de vogal anterior contra 540 dados da posterior.

Pretende-se, com essa pesquisa, caracterizar a fala carioca em uma análise em tempo real, contribuindo para o conhecimento do português brasileiro.

### **A atribuição do acento dos vocoides altos em português brasileiro**

Taíse SIMIONI (UNIPAMPA)

Neste trabalho, buscamos observar como os vocoides altos se comportam, no que diz respeito à atribuição do acento, em português brasileiro (PB). O termo “vocoide” é aqui empregado para designar um segmento subjacente que pode se realizar como vogal ou como glide. Nosso objetivo, então, é o de verificar em que contextos a realização se dará com uma ou com outro. Para a análise que tem como pressuposto teórico a Teoria de Otimidade (Prince e Smolensky (1993), McCarthy e Prince (1993b)), tomamos como ponto de partida as hipóteses de que o glide pós-vocálico localiza-se na coda silábica, enquanto o glide pré-vocálico forma núcleo complexo com a vogal seguinte. Propomos, então, um ranqueamento que dá conta das diferentes estruturas silábicas de vogal mais glide pós-vocálico e de glide pré-vocálico mais vogal e observamos como estas estruturas silábicas estabelecem relações com a atribuição do acento. No que diz respeito ao acento, foco deste trabalho, foi possível observar que, de maneira geral, o vocoide alto só receberá acento se for acentuado no *input*. Se o acento não estiver presente no *input* ou se outro segmento receber acento no *input*, haverá uma preferência pela realização do vocoide alto como glide, uma vez que tal realização permite a satisfação simultânea das restrições relativas à silabificação e à atribuição do acento. A análise não precisou de etapas derivacionais. Foi possível analisar a silabificação e a atribuição do acento em PB como ocorrendo simultaneamente, de maneira a explicitar as complexas relações que se estabelecem entre os dois processos. Entretanto, a proposta teve de lançar mão da marcação de acento no *input* em alguns casos, o que não eleva o custo da análise, já que os casos de marcação são exigidos independentemente pelas restrições responsáveis pela atribuição do acento, isto é, a marcação lexical do acento não foi um recurso que teve de ser empregado para dar conta das relações entre silabificação e atribuição do acento.

### **Epêntese na apropriação da marca de 3ª pessoa do singular de verbos do inglês por falantes brasileiros: Efeitos de frequência de padrões segmentais de L1 na aquisição de L2**

Victor Hugo Medina SOARES (UFMG)

Marco Aurélio Cunha CAMARGOS (UFMG)

Este trabalho discute o impacto dos efeitos de frequência de padrões segmentais em L1 na construção de novos padrões em L2. Postulamos que os de L2 que tenham correlato em L1 serão de apropriação mais eficaz do que os de L2 que não tenham correlato em L1. A hipótese é que sequências existentes na variante mineira do português brasileiro –

par[ts], lá[ps] - serão realizadas de forma análoga em inglês: wri[ts] e hel[ps]. Isto porque os padrões segmentais de L2 – [ts] e [ps] - têm correlato em L1. Por outro lado, tipos fonológicos sem correlatos ou de baixa frequência na L1 - ro[bz], be[gz] - apresentarão maior variabilidade na produção do falante em L2 inglês. Casos com epêntese estarão entre as estratégias mais frequentes - ro[bɪs], be[gɪs] - exatamente por estas possuírem correlato na L1.

Portanto, argumentamos que quando não houver correlato de padrões segmentais de L1 na apropriação de L2, o aprendiz utilizará estratégias da sua L1 para se apropriar das formas presentes na L2. Nessa apropriação, o falante privilegiará aquela mais frequente em L1.

A abordagem deste estudo é feita de acordo com as noções apresentadas por Bybee (2001) de que falantes criam representações mentais para uma palavra e que essas serão mais fortes quanto mais frequentes elas forem para eles. Portanto, o falante adquirirá formas correlatas em L2 mais facilmente porque em sua L1 já haverá representações mentais com alta frequência dos padrões em processo de aquisição.

Para se cumprir o objetivo, pretende-se analisar a apropriação das formas de 3ª pessoa do singular de dois grupos de aprendizes brasileiros de inglês, de nível básico e avançado de proficiência. O estudo se restringirá a verbos da língua inglesa que terminem em consoante oclusiva: [p], [t], [k], [b], [d] e [g]. As formas [s] e [z] são as esperadas para a marca de 3ª pessoa do singular.

Resultados indicam que os casos com epêntese são os que mais diminuem ao longo da formação do estudante do nível básico para avançado. Esse resultado fornece indícios da consolidação de exemplares (Pierrehumbert, 2001) na L2, dada a alta variabilidade nos dados dos falantes de nível básico e menor variabilidade nos de nível avançado. Pode-se afirmar, portanto, que a maior frequência dos exemplares da L2 em relação às formas com epêntese produzidas pelo aprendiz de nível avançado denotam o fortalecimento e apropriação de um padrão segmental distinto daqueles presentes na sua L1.

### **Vogais nasais e nasalizadas do português brasileiro: Preliminares de uma análise da configuração formântica**

Luiz Carlos da Silva SOUZA (UESB)

Priscila de Jesus RIBEIRO (UESB)

Vera PACHECO (UESB)

Atualmente, as vogais nasais do Português representam um dos objetos de estudo mais complexos da fonética e da fonologia, devido a sua natureza, defendida por Mattoso Câmara Jr. como vogais seguidas por um segmento consonântico nasal ao qual ele chama de arquifonema nasal. Com a fonética experimental, muitos trabalhos têm sido realizados a fim de colaborar para uma melhor compreensão acerca desses segmentos.

Cagliari (1977), ao analisar sete vogais orais e duas reduzidas, comparando-as às suas correspondentes nasais, encontrou um valor de F1 para [a] maior, em 120 Hz, que o de [ã] e um valor de F2 para [ĩ] mais alto que o do F2 de [i], com uma diferença de 410 Hz. A vogal nasal [ã] apresenta F1 sempre menor que o de [a].

O presente trabalho propõe uma investigação acústica que considere não só os valores formânticos das vogais orais em comparação aos das vogais nasais, como também busca compará-los com os das vogais nasalizadas, com vistas a verificar se estas apresentam comportamento acústico diferente em relação às aquelas.

Para tanto, compôs-se um corpus com palavras dissílabas formadas pela estrutura CVC.CV e CV.CV., como “canta”, “cata” e “cana”. A partir delas, pôde-se verificar a diferença entre os três primeiros formantes nos estados inicial, estacionário e final das vogais nasais, nasalizadas e orais. As palavras foram inseridas na frase-veículo “Digo \_\_\_\_\_ baixinho”.

Pôde-se observar que a vogal baixa [a] é a que mais sofre alteração quando está próxima a sons nasais. Na sua porção inicial, o F3 da vogal nasal apresenta valor acima do F3 da oral e da nasalizada. No estado estacionário, a vogal oral diferencia-se das suas contrapartes nasais e nasalizadas nos seus três primeiros formantes. Já as nasais e as nasalizadas comportam-se semelhantemente em F1 e F2 e distinguem-se apenas em F3. Na porção final, os valores de F1 e F2 das vogais orais e nasalizadas, [a], [i] e [u], não se contrastaram, mas apresentaram diferença em relação aos valores das suas correspondentes vogais nasais.

Os resultados obtidos permitem, portanto, reafirmar-se com Medeiros (2007) que as investigações a respeito das vogais nasais do Português do Brasil (PB) podem fornecer evidências suficientes para que se discuta sobre qualidade vocálica. Por isso, é necessário atentar-se para o padrão acústico das vogais do PB, a fim de que possam ser oferecidos dados consistentes que auxiliem na discussão da natureza das vogais nasais dessa língua.

### **Ditongos crescentes e decrescentes: A relação grafemático-fonética**

Célia Marques TELLES (UFBA)

O *Livro Velho do Tombo* do Mosteiro de São Bento da Bahia traz os traslados de noventa e um documentos datados dos séculos XVI, XVII e XVIII, relativos a doações ao Mosteiro de terras ou casas, feitas por habitantes da Cidade da Bahia. Para a edição semidiplomática desses documentos, com base numa lição conservadora, fez-se necessário compreender os aspectos relativos ao nível gráfico do texto, sobretudo se se consideram os diferentes *scriptores* que neles intervieram. No que tange à grafia dos ditongos, essa análise permitiu que se fizessem avaliações de caráter grafemático-fonético. O exame de textos quinhentistas (TELLES, 1988, v. 2, f. 9-11) permitiu que se confirmasse a existência, em sílaba tônica e em sílaba átona, de nove *ditongos orais decrescentes*: [ay], [aw], [ey], [ɛw], [ew], [iw], [oy], [ow] e [uy]; dois *ditongos orais crescentes*: [ya] e [wa]; três *ditongos nasais decrescentes*: [ãw], [ẽy] e [õy]; dois *ditongos nasais crescentes*: [wã] e [we]. Para o estudo nos documentos do *Livro Velho do Tombo*, foram selecionados dois textos do século XVI, três do século XVII e três do século XVIII. O levantamento inicial das grafias dos ditongos mostrou: [ay] aparece grafado <ai> e <ae>; [aw] vem grafado <ao>; [ey] está grafado como <ei>, <ey> e <ej>; [ew] vem grafado <eo> e <eu>; [iw] traz as grafias <io> e <iu>; [oy], [ow] e [uy] são grafados, respectivamente, <oi>, <ou> e <ui>; [ya] vem grafado <ia>; [wa] aparece grafado com <ua> ou <oa>; [ãw] é grafado <am> e <aõ>; [ẽy] vem grafado <em>;

[õys] é grafado <oens>. Desse primeiro levantamento dois fatos merecem destaque a a grafia da forma verbal da segunda pessoa do singular <deis> com ditongo, em lugar de <des> e a grafia sistemática do plural do ditongo [ãw]: <oens>. Espera-se poder determinar um padrão gráfico para esses ditongos, corroborando-se a relação grafemático-fonética.

### **A regra de redução de vogais em compostos no Português Brasileiro**

Priscila Marques TONELI (UNICAMP)

De acordo com a literatura sobre vogais no português (cf. Câmara Jr., 1970; Leite, 1974; Lopez, 1979; Bisol, 1981; Mateus & Andrade, 2000; Wetzels, 1995, entre outros), as vogais em posições átonas, pretônica e postônica, estão aptas a ser reduzidas pela ação da regra de redução vocálica, em ‘alegr[i]’ e ‘[i]scola’. Entretanto, tal processo é bloqueado quando as vogais estão em posição tônica por serem portadoras de acento primário, como em ‘caff[ɛ]’. Em busca de evidências do modo como as palavras compostas no Português Brasileiro (PB) são formadas prosodicamente, ou seja, dentro do domínio da Palavra Prosódica, este trabalho apresenta dados obtidos por meio de um experimento piloto, com palavras formadas por uma base lexical e um sufixo, como ‘alegremente’ e ‘pobrezinho’, e palavras que não formam compostos, como ‘caramujo’ e ‘alistamento’. O que foi notado durante a análise de tais dados é a regra de redução da vogal ocorre livremente nas posições átonas das palavras dos compostos, ‘alegr[i]ment[i]’ e ‘pobr[i]zinh[u]’, sendo bloqueada nas posições tônicas das bases que se associam ao sufixo, como em ‘al[ɛ]gremente’ e ‘p[ɔ]brezinhos’, e esse bloqueio é tomado como evidência de que a base lexical mantém o acento primário que lhe atribuído ao formar a palavra composta. Vigário (2003) argumenta que o bloqueio da regra de redução da vogal é evidência de que há a formação de duas palavras prosódicas dentro do composto, pois o sufixo ‘mente’ é portador de acento primário, ao contrário do sufixo ‘mento’. O objetivo deste trabalho é discutir que as palavras compostas no PB são formadas por duas palavras prosódicas dentro do Grupo de Palavra Prosódica, conforme proposta de Vigário (2007). Este estudo é parte do projeto de doutorado, intitulado “A Palavra Prosódica no Português Brasileiro”, que propõe um estudo sistemático do domínio da Palavra Prosódica no PB.

### **“Ponto” e “Altura” no processo de aquisição das vogais do PB**

Gabriela TORNQUIST (PPGL-UCPel)

Jones Neuenfeld SCHÜLLER (PPGL-UCPel)

Carmen Lúcia Barreto MATZENAUER (UCPel)

A emergência do sistema vocálico, no processo de aquisição de uma língua, ocorre de forma gradual, corroborando a gradação como fenômeno característico da aquisição de diferentes unidades da fonologia. Pesquisas recentes sobre o desenvolvimento fonológico de crianças falantes nativas do português brasileiro (PB) têm apontado a existência de três ou de quatro estágios no processo de constituição do conjunto de sete



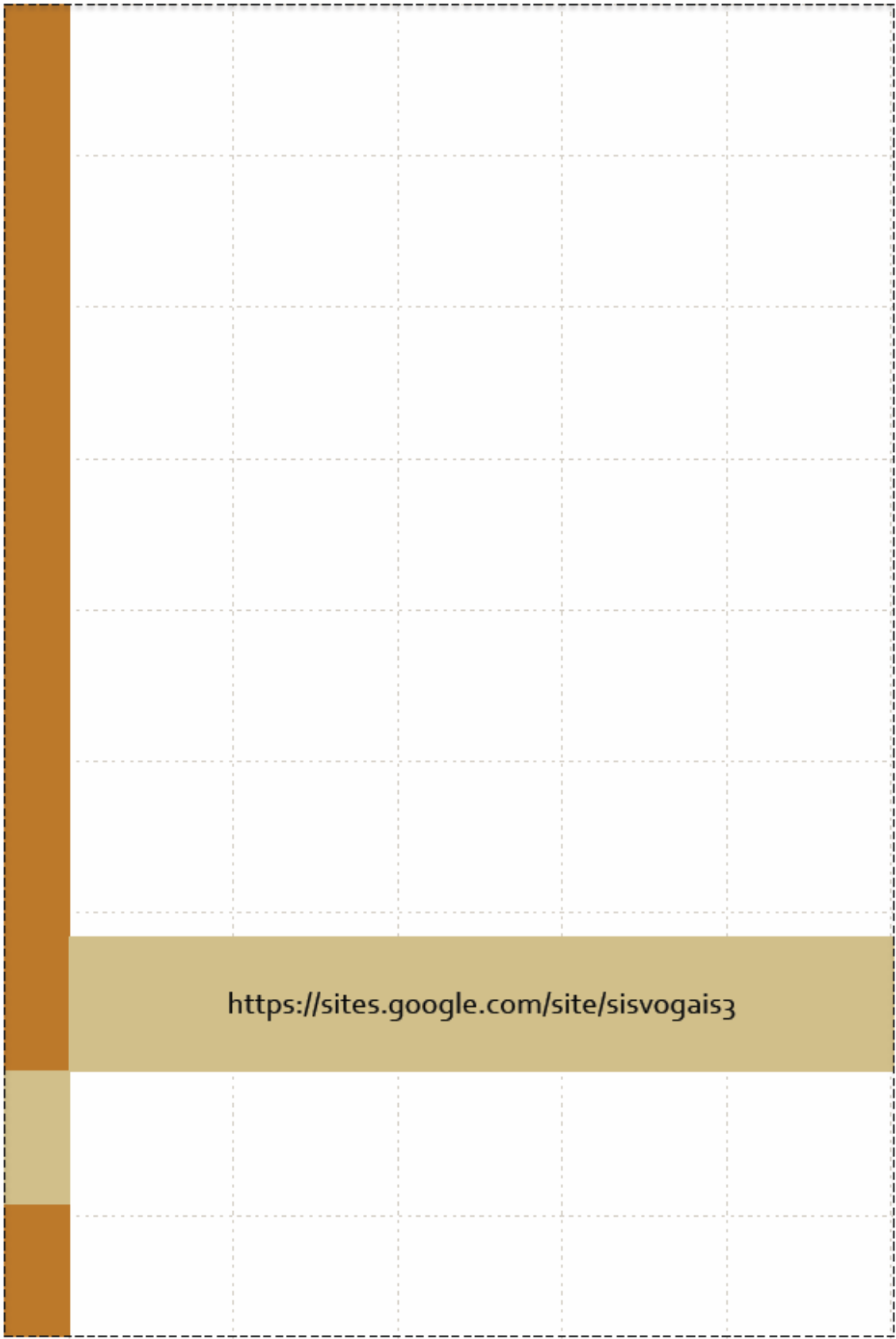
vogais da gramática do PB, com a ativação gradual dos traços distintivos que as identificam. Da ativação dos traços resulta não apenas a aquisição de contrastes, mas também um ordenamento na emergência das vogais. Considerando esse fato e seguindo-se a proposta de Dresher (2003, 2008), o presente estudo partiu da hipótese de que a ativação de traços distintivos, no processo de aquisição fonológica, pode construir diferentes fonologias, em razão da maior relevância de um ou mais traços sobre outro(s). A fim de verificar tal hipótese, foi realizada uma investigação que se deteve na relação entre traços na aquisição do sistema vocálico do PB, visando a examinar a ordem de sua ativação e a sua estabilidade nos estágios iniciais do desenvolvimento, respondendo pela organização da fonologia. Foram analisadas produções linguísticas, obtidas transversalmente com noventa e seis crianças falantes nativas de PB, com idade entre 1:0 e 1:8 (anos: meses), e longitudinalmente com duas crianças durante o período de seis meses, a partir de 1:1. Os dados foram ouvidos e transcritos foneticamente e, após, procedeu-se a um levantamento dos segmentos vocálicos, considerando-se a tonicidade da sílaba. Os resultados apontaram para a emergência gradual das vogais, sendo o emprego das vogais médias o responsável por estágios mais tardios. A ativação dos traços na fonologia das crianças estudadas apontou para a organização de espaços fonológicos definidos com a prevalência dos traços de ponto sobre os traços de altura. Esse comportamento pôde ser estabelecido pelo ordenamento de emergência dos segmentos vocálicos, assim como pela observância dos processos fonológicos de que as vogais foram alvo na organização dos sistemas em aquisição.

### **A elevação de vogais médias em clíticos pronominais e não pronominais**

Maria José Blaskovski VIEIRA (UFPEl)

O presente trabalho tem como objetivo analisar, a partir das perspectivas variacionista e fonológica, a forma de realização da vogal /e/ nos clíticos “me”, “te”, “se”, “lhe”, “de”, buscando identificar fatores linguísticos e sociais que possam condicionar a preservação ou a elevação dessa vogal. Para tanto, estão sendo analisadas do Banco de Dados VARX, que contém amostras de fala da cidade de Pelotas/RS, 54 entrevistas, selecionadas com base nos fatores idade, sexo e ocupação. Os fatores linguísticos considerados são: tipo de clítico, tipo de onset da sílaba seguinte, natureza da vogal da sílaba seguinte, distância do clítico em relação à sílaba tônica e tipo de juntura. A partir dos resultados encontrados, torna-se possível verificar se a sequência clítico-hospedeiro é domínio de aplicação de regras fonológicas lexicais ou pós-lexicais, o que em parte permitiria a definição da natureza prosódica desse tipo de vocábulo. Em relação ao Português brasileiro, há poucos trabalhos que analisam o comportamento do clítico em uma perspectiva sociolinguística. Brisolara (2008, 2009), buscando definir a status do clítico na hierarquia prosódica, realizou análise do comportamento das vogais /e/ e /o/ dos clíticos pronominais, tomando como base amostras de fala de Porto Alegre e de Santana do Livramento retiradas dos Banco de Dados VARSUL e BDS Pampa. Em relação aos dados de Porto Alegre, que apresentaram índices quase categóricos de elevação das vogais médias do clítico, os resultados apontam que a distância do clítico em relação à sílaba tônica, o tipo de juntura e o tipo de vogal da sílaba seguinte ao clítico são fatores que condicionam essa elevação. Quanto aos dados de Santana do

Livramento, a autora comparou duas amostras, uma coletada em 1978 e outra entre 2003 e 2005 e verificou um aumento nos índices de elevação da vogal do clítico de 21% para 44%. Os resultados encontrados por Brisolara serviram como evidência para a defesa da idéia, defendida por Bisol (2005), de que, por estar sujeito somente a regras pós-lexicais, o clítico e seu hospedeiro formam uma palavra fonológica no nível pós-lexical, o que implica supor que não haja a unidade grupo clítico na hierarquia prosódica do português.



<https://sites.google.com/site/sisvogais3>